



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS (CCHL)**

**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA
MODALIDADE BACHARELADO**

**TERESINA-PI
ABRIL/2010 (REVISADO EM OUTUBRO/2014)**

REITOR

Prof. Dr. Luiz de Sousa Santos Júnior

VICE-REITOR

Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo branco

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

PRÓ-REITORA: Profª Drª Guiomar de Oliveira Passos

DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco

VICE-DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS

Prof. Dr. Ricardo Alaggio Ribeiro

COORDENAÇÃO DE CURRÍCULO/PREG

Profª. Drª. Antonia Dalva França Carvalho

COMISSÃO DE ELABORAÇÃO

Profª. Drª. Ana Beatriz Martins dos Santos Seraine (DCIES/UFPI)

Profª. Dr. Cleber de Deus Pereira da Silva (DCIES/UFPI)

Profª. Dr. Nelson Juliano Cardoso Matos (DCIES/UFPI)

Profª. Dr. Raimundo Batista dos Santos Junior (DCIES/UFPI)

IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

DENOMINAÇÃO DO CURSO:

Bacharelado em Ciência Política

DURAÇÃO DO CURSO:

Mínima: 4 anos

Máxima: 6 anos

REGIME LETIVO:

Seriado Semestral

TURNOS DE OFERTA:

Noturno

VAGAS AUTORIZADAS:

40 vagas anuais

CARGA HORÁRIA:

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS:	2.460h
DISCIPLINAS OPTATIVAS:	180h
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC):	180h
ATIVIDADES COMPLEMENTARES:	120h
CARGA HORÁRIA TOTAL: 2.940h	CRÉDITOS: 196

TÍTULO ACADÊMICO:

Bacharel em Ciência Política (Cientista Político)

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	06
2. JUSTIFICATIVA	07
3. OBJETIVO DO CURSO	10
4. PRINCÍPIOS CURRICULARES DO CURSO DE CIÊNCIA POLÍTICA	11
5. PERFIL PROPOSTO PARA O BACHAREL EM CIÊNCIA POLÍTICA	14
5.1 Perfil do Egresso	14
5.2 Competências e Habilidades	14
5.3 Mercado Trabalho	16
6. PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	17
6.1 O Perfil do aluno	18
6.2 O Perfil do professor	18
7. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	19
7.1 Estrutura do curso	19
7.1.1 Eixo de Formação Específica	19
7.1.2 Eixo de Formação Complementar	20
7.1.3 Eixo de Formação Livre	22
7.1.4 Estágio Curricular	22
7.1.5 Trabalho de Conclusão do Curso – Monografia (TCC)	23
7.1.6 Atividades Complementares	23
7.2 Integralização Curricular	24
7.3 Duração do Curso	25
7.4 Matriz Curricular	25
7.5 Fluxograma	28
8. EMENTAS DAS DISCIPLINAS	29
8.1 Disciplinas do Eixo de Formação Específica	29
8.2 Disciplinas do Eixo de Formação Complementar	63
8.3 Disciplinas Optativas	84
8.4 Estágio Curricular – Obrigatório	117
8.5 Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia (TCC)	118

9. SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO	119
9.1 Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem	119
9.2 Avaliação do Projeto Político Pedagógico	121
10. ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	123
11. ÁREAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	124
12. CONDIÇÕES DE IMPLEMENTAÇÃO E IMPLANTAÇÃO	125
12.1 Necessidades de recursos humanos e materiais para implantação do curso	125
13. APOIO AO DISCENTE	127
14. BIBLIOGRAFIA	131
APÊNDICES	132
APÊNDICE I – Regulamento para aferição e avaliação das atividades complementares do Curso de Bacharelado em Ciência Política	133
APÊNDICE II – Regulamento de estágio curricular obrigatório supervisionado do Curso de Bacharelado em Ciência Política	150
APÊNDICE III – Regulamento para elaboração do trabalho de conclusão do Curso de Bacharelado em Ciência Política	174

1. APRESENTAÇÃO

O Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí (CCHL/UFPI), através da Comissão Interna instituída pela Portaria 07/2010 vem apresentar o Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado em Ciência Política. O Projeto foi concebido em conformidade com os documentos e atos normativos produzidos pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) para a criação dos cursos na área de Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e das resoluções específicas da Universidade Federal do Piauí.

O curso de Ciência Política da Universidade Federal do Piauí terá como princípio criar competência técnico-científica sobre o conhecimento das relações políticas no âmbito regional, estadual e nacional. A necessidade de profissionais mais qualificados para a atuação na área resulta de novas demandas das esferas públicas, privadas e do Terceiro Setor por serviços especializados. Assim, organizações como sindicatos, partidos políticos, ONG's, além de Fundações e Institutos de Pesquisa vêm tendo a necessidade de profissionais com essa formação, porque a atividade política vem se complexificando e ampliando suas exigências.

Tal Curso visa, portanto, prover à sociedade piauiense com mais uma alternativa de curso de graduação e, portanto, de qualificação profissional de nível superior. A formação que tem sido dada até o momento, na área, não tem contemplado as necessidades de qualificação teórico-metodológica capaz de abarcar os novos desafios colocados pela sociedade à Universidade, o que justifica a implantação do Bacharelado em Ciência Política. Dessa forma, esse curso procura atender as novas demandas impostas pela dinâmica social.

2. JUSTIFICATIVA

O projeto de criação do curso de Bacharelado em Ciência Política da Universidade Federal do Piauí (UFPI) foi estimulado por um grupo de professores da área de Ciência Política do Departamento de Ciências Sociais. Com o surgimento do Programa de Mestrado em Ciência Política da UFPI, a discussão em torno da criação de um curso específico na área tomou nova perspectiva, à medida que foram contratados novos professores.

Assim, foram admitidos, recentemente, quatro professores na área (três com Doutorado e um com Mestrado), além do Departamento de Ciências Sociais já possuir, em seu quadro, um professor Doutor e mais dois Mestres em Ciência Política. Soma-se a este quadro, mais um professor com Doutorado em Ciência Política, lotado no Departamento de Ciências Econômicas. No total, são oito professores com formação específica, que poderão, inicialmente, compor o corpo docente do curso.

Dentre a produção dos professores de Ciência Política, pode-se destacar a existência de Projetos aprovados em organismos nacionais de fomento a pesquisa, tais como: o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Outrossim, estes professores possuem destacada inserção no meio acadêmico da UFPI e no âmbito nacional, com publicações relevantes em revistas e livros especializados.¹ Isso pode ser

¹ Como exemplo, podemos destacar algumas das obras publicadas pelos professores de Ciência Política da UFPI: FARIAS, F. P. *Frações burguesas e bloco no poder: uma reflexão a partir do trabalho de Nicos Poulantzas*. **Crítica Marxista** (São Paulo), v. 28, p. 81-98, 2009; GALVÃO, A.; GUTIERREZ, A.; BOITO JR, A.; TOLEDO, C. N.; FARIAS, F. P. (Orgs.). **Marxismo e ciências humanas**. São Paulo: Xamã, 2003; SANTOS JUNIOR, R. B. dos. *Relazioni internazionali e ambiente: contratti e negoziati tra crescita economica e sviluppo sostenibile*. In: Angela Del Vecchio e Arno Dal Ri Júnior. (Org.). **Il diritto internazionale dell'ambiente dopo il vertice di Johannesburg**. Roma: Editoriale Scientifica, 2005, p. 63-80; SANTOS JUNIOR, R. B. dos. *As Brumas da Soberania ou Injunções da Globalização*. In: Odete Maria de Oliveira; Arno Dal Ri Júnior. (Org.). **Relações Internacionais: interdependência e sociedade global**. Ijuí: Unijuí, 2003, p. 629-679; SANTOS JUNIOR, R. B. dos; BEDIN, G. A.; OLIVEIRA, O. M.; MIYAMOTO, S. (Orgs.). **Paradigmas das Relações Internacionais**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000; RIBEIRO, R. A. *A teoria da modernização, a Aliança para o Progresso e as relações Brasil - EUA*. **Perspectivas**: Revista de Ciências Sociais (UNESP. Araraquara. Impresso), p. 151-175, 2007; SILVA, C. D. P. **Mudança política em contexto oligárquico: o primeiro governo petista no nordeste**. In: IV Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política - ABCP, 2004, Rio de Janeiro. IV Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política, 2004; PASSOS, R. D. F. dos. *Um esboço crítico às concepções geopolíticas clássicas*. In: Jorge Mialhe. (Org.). **Direito das Relações Internacionais: ensaios históricos e jurídicos**. Campinas: Millenium, 2007, p. 361-383; SANTOS, F.;

apresentado como um dos indicadores da qualidade dos docentes que compõem o quadro de professores desta IES, que será uma das bases de sustentação do curso ora proposto.

Além disso, atualmente, percebe-se um processo de criação de cursos de graduação em Ciência Política em Universidades públicas e privadas do País. Assim, dentre as Universidades Federais, podem ser citados, por exemplo, a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Como se percebe, importantes Universidades Federais têm optado pela criação de cursos nessa área. No âmbito das Universidades privadas, há um crescimento ainda maior na implantação da graduação em Ciência Política, como pode ser vislumbrado nos casos da Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER), do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) e da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Cabe ressaltar que com a criação do curso de Ciência Política na Universidade Federal do Piauí (UFPI), a região do Nordeste contará com dois cursos na área, a saber, o da UFPI e o da UFPE. A UFPI, portanto, participará ativamente do processo de ampliação e consolidação na área no Brasil, permitindo que estudantes do estado e outras regiões tenham a oportunidade de optarem por realizar seus estudos em Ciência Política na nossa Universidade.

A UFPI vem passando por um processo de criação de cursos de graduação, visando atender às demandas impostas pela sociedade piauiense, como exemplo foi implantado cursos de Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre, Estatística, Moda, Engenharia de Pesca, Engenharia Florestal, Engenharia Mecânica etc.

Nesse sentido, a UFPI tem implementando cursos buscando o despertar de uma consciência dos problemas nacionais e locais no que tange os problemas de ensino, pesquisa e extensão. Dessa forma, a Universidade tem buscado não só

VILAROUCA, M. G. Political Institutions and Governability from FHC to Lula. In: Timothy Power; Peter Kingstone. (Orgs.). **Democratic Brazil Revisited**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2008, p. 57-80; OLIVEIRA, F. M. de. **Cidadania e Cultura Política no Poder Local**. Fortaleza -CE: Konrad Adenauer, 2003; RIBAS, R. Humanismo e Reconhecimento: A Gramática Moral do Multiculturalismo. In: Odete Maria de Oliveira (Org.). **Humanismo e Relações Internacionais**. Juí: Unijuí, 2005 , p. 15-75.

qualificar tecnicamente os egressos da instituição, mas efetivamente contribuir para a mudança de aspectos da realidade social e econômica do Estado.

O Bacharelado em Ciência Política da UFPI visa atender, então, as necessidades de diversificação das modalidades de cursos de graduação, diante de um mercado cada vez mais competitivo, que demanda por profissionais de diferentes áreas. Nesse caso, observa-se que a atividade política vem demandando por profissionais cada vez mais qualificados, que tenham, entre suas habilidades, a capacidade de compreender os processos políticos formais, podendo, a partir de técnicas especializadas, estabelecer estratégias para a resolução de problemas e conflitos de caráter político.

De modo geral, a formação em Ciência Política tem a capacidade de preencher os requisitos necessários para a atuação em diversos setores da sociedade piauiense, como: órgãos governamentais (assessoramento de políticas públicas, desde sua formulação, implementação e avaliação etc.), Organizações Não-Governamentais (ONG's), sindicatos, movimentos sociais, instituições da iniciativa privada (institutos de pesquisa, consultorias, entre outros), docência superior etc. A exigência atual por profissionais que compreendam a natureza e as especificidades das relações de poder põe a atividade do cientista político, em nosso estado, como importante campo de atuação.

Ainda, a criação do curso vem ao encontro da necessidade crescente de inclusão social através do ensino superior público. Isto possibilita que amplos setores da sociedade tenham acesso a um tipo de conhecimento historicamente restrito a grupos mais privilegiados socialmente.

No âmbito propriamente acadêmico, o curso objetiva a articulação da graduação com a pós-graduação, estabelecendo, desde o início, um processo de aprendizagem que privilegia o ensino associado à pesquisa, fundamentais para uma adequada formação técnico-científico do estudante.

3. OBJETIVO

O Bacharelado em Ciência Política da Universidade Federal do Piauí (UFPI) visa promover a formação teórico-metodológica sólida de profissionais para o exercício de atividades relacionadas à pesquisa e a docência, à gestão e administração pública, ao planejamento, consultoria e assessoria técnica em órgãos públicos, empresas privadas e associações da sociedade civil. Assim, o curso tem o intuito de prover aos alunos habilidades analíticas e metodológicas para a compreensão dos processos políticos nacionais e internacionais.

4. PRINCÍPIOS CURRICULARES DO CURSO DE CIÊNCIA POLÍTICA

O currículo do Curso de Ciência Política da UFPI está orientado no sentido de formar profissionais éticos, a partir de uma formação de caráter humanístico. Além disso, o currículo do Curso busca aliar teoria e prática, proporcionando ao egresso conhecimentos científico e crítico da realidade social e política nacional e internacional.

A proposta curricular, portanto, tem o intuito de articular conhecimentos básicos e específicos, de forma que a relação teoria e prática seja parte de um mesmo processo, tendo em vista que a realidade política e social é dinâmica. O currículo, dessa maneira, busca formar cidadãos conscientes e capazes de analisar criticamente a realidade política.

Conforme o perfil do curso e as diretrizes curriculares para os cursos de Ciências Sociais – Antropologia, Ciência Política e Sociologia – (Resolução CNE/CES nº 17/2002, publicado no Diário Oficial da União, em 09 de abril de 2002, e conforme o Parecer CNE/CES nº 492/2001), o Projeto Político Pedagógico do curso de Bacharelado em Ciência Política deve propiciar uma sólida formação na área, ao tempo que seja também flexível e pluralística.

Segundo o Parecer CNE/CES 492/2001, o curso deve:

Propiciar aos estudantes uma formação teórico-metodológica sólida em torno dos eixos que formam a identidade do curso (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e fornecer instrumentos para estabelecer relações com a pesquisa e a prática social; Criar uma estrutura curricular que estimule a autonomia intelectual, a capacidade analítica dos estudantes e uma ampla formação humanística; Partir da idéia de que o curso é um percurso que abre um campo de possibilidades com alternativas de trajetórias e não apenas uma grade curricular; Estimular a produção de um projeto pedagógico que explicita os objetivos do curso, a articulação entre disciplinas, as linhas e núcleos de pesquisa, as especificidades de formação, a tutoria e os projetos de extensão; Estimular avaliações institucionais no sentido do aperfeiçoamento constante do curso (Parecer CNE/CES nº 492/2001).

Portanto, seguindo a orientação da legislação vigente, o Projeto Político Pedagógico do Bacharelado em Ciência Política foi construído tendo em vista

possibilitar que no processo ensino-aprendizagem leve-se em consideração uma formação que possibilite uma melhor relação entre aluno e professor, que fuja da tradicional fórmula de ensino-aprendizagem. É, nesse sentido, que o curso foi organizado visando uma relação dinâmica do processo ensino-aprendizagem em que alunos deixam de ser meros expectadores passando a serem atores atuantes na construção do ensino, através dos eixos que devem nortear a atividade acadêmica: ensino, pesquisa e extensão.

No que diz respeito à formação do Cientista Político, a legislação vigente assevera que o conteúdo que dá base à formação dos profissionais da área de Ciência Política deve estar amparado na formação humanística e, especificamente, nos conteúdos relativos aos eixos das Ciências Sociais, dentre elas: História, Economia, Filosofia, Direito, Sociologia, Antropologia, Relações Internacionais etc. Assim sendo, esta formação possibilitará aos profissionais formados no curso de Bacharelado em Ciência Política acesso aos Programas de Pós-Graduação na área e em outras áreas afins.

A partir das diretrizes, pretende-se, portanto, que no decorrer do curso de Ciência Política leve-se em consideração os seguintes princípios:

- **Ética e Cidadania:** o curso de Ciência Política da UFPI tem o compromisso de desenvolver a formação ético-humanística do alunado, desenvolvendo o espírito crítico e autonomia intelectual, de maneira a formar cidadãos conscientes, *id est*, de agentes dinâmicos diante da realidade social e política. A formação voltada para a ética e a cidadania será responsabilidade de todos os docentes, que abordarão em todas as unidade temáticas das disciplinas e das atividades complementares ligadas ao curso.
- **Interdisciplinaridade:** o curso de Ciência Política da UFPI tem como um dos seus princípios construir uma identidade profissional que integre um conjunto de disciplinas de diversas áreas do conhecimento humano, possibilitando a formação de um profissional pluralista capaz de realizar pesquisas e exercer a atividade profissional de forma ampla e articulada com os diferentes ramos do conhecimento.

- **Relação orgânica entre teoria e prática:** o currículo do curso de Ciência Política da UFPI tem como princípios (re)construir conhecimentos a partir da interação e da integração orgânica entre teoria e prática. Para isso, o gerenciamento do currículo do Curso será alicerçado nos conhecimentos advindos de pesquisas científicas e da tradição humanística que dá base aos princípios curriculares do curso.
- **Relação indissociável entre Ensino, Pesquisa e Extensão:** um dos princípios básicos do currículo do curso de Ciência Política da UFPI é a organicidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Este é o tripé básico que compõe as atividades de docentes e discentes da Universidade e, conseqüentemente, do curso ora proposto. Por meio da indissociabilidade de Ensino, Pesquisa e Extensão é que o alunado poderá ser efetivamente um profissional mais adequado às exigências do mercado e da sociedade brasileira. Os professores têm o compromisso de ministrar cursos que interajam com suas pesquisas e com os núcleos de estudo e pesquisa que atuarão junto à comunidade.
- **Flexibilidade curricular:** o curso de Ciência Política da UFPI tem o propósito de garantir uma formação sólida na área, através de um leque de atividades e disciplinas de conteúdo livre e opcional. Para isso, o currículo exige que o aluno participe de atividades outras que possam garantir a plenificação do currículo do curso, como: monitorias, participação em pesquisa científica, estágios extra-curriculares, programas de iniciação científica, estudos complementares, cursos realizados em áreas afins, participação em eventos científicos, cursos e mini-cursos, entre outros.

5. PERFIL PROPOSTO PARA O BACHAREL EM CIÊNCIA POLÍTICA

5.1 Perfil do Egresso

O Bacharel em Ciência Política, segundo o Parecer CNE/CES 492/2001, deverá atuar como pesquisador na área acadêmica ou não, consultor, assessor ou como profissional no planejamento técnico em organizações governamentais e não-governamentais, instituições privadas, Terceiro Setor, organizações políticas (partidos, sindicatos, movimentos sociais etc.) e atividades afins.

5.2 Competências e Habilidades

As competências e habilidades gerais para o profissional de Ciência Política devem estar pautada no: “Domínio da bibliografia teórica e metodológica básica; Autonomia intelectual; Capacidade analítica; Competência na articulação entre teoria, pesquisa e prática social; Compromisso social; Competência na utilização da informática” (Parecer CNE/CES 492/2001).

Esses princípios procuram desenvolver habilidades analíticas, além de articulá-las à realidade cultural, social e política. Assim, o curso de Ciência Política tem como meta proporcionar uma formação flexível com o intuito de fomentar um processo de ensino-aprendizagem compatível com os desafios cotidianos impostos pela realidade. A partir dessa caracterização geral, pode-se apresentar duas formas distintas de competências e habilidades que o curso deve desenvolver: capacidades teórico-conceituais; e capacidades metodológico-instrumentais.

1) Capacidades teórico-conceituais

Essas capacidades incorporam competências de cunho analítico e interpretativa, cujo processo de apreensão dessas habilidades se dá através da aquisição de conhecimento das disciplinas teóricas do curso: as de Teoria Política, as

relacionadas à Política Comparada e Brasileira e as de Relações Internacionais, além da contribuição de disciplinas de outras áreas: Filosofia, História, Sociologia, Antropologia e Economia.

O graduando em Ciência Política terá que assimilar os conteúdos relacionados às disciplinas, que possibilitarão uma sólida formação teórica na área. Isso será fundamental para o progresso analítico do aluno, permitindo o desenvolvimento da sua autonomia intelectual e profissional. De posse dessas capacidades teórico-conceituais, o cientista político formado na UFPI poderá desempenhar atividades de âmbito local, nacional e internacional, seja na exposição, debate de ideias, de dados, de questões relacionadas à prática política, seja na esfera eleitoral, governamental, legislativa ou privada.

2) Capacidades metodológico-instrumentais

Essas capacidades incorporam competências de cunho metodológico-instrumental, ou seja, referem-se às habilidades específicas adquiridas pelo aluno, ao longo do curso, necessárias para o desempenho da profissão. Estas dizem respeito à competência na construção de projetos e desenhos metodológicos que instrumentalizam a atividade do aluno-pesquisador a formular e desenvolver pesquisas que envolvam as relações de poder, que é o próprio objeto da Ciência Política.

Essas capacidades serão apreendidas por meio de disciplinas metodológicas e instrumentais do curso: as de Metodologia e Desenho de Pesquisa e as relacionadas ao ensino da Estatística e do conhecimento lógico e matemático, além das que contemplam o ensino do exercício de planejador e assessor técnico, e das que envolvem a apreensão de técnicas de Marketing Político, conhecimento da legislação eleitoral e do direito constitucional etc. Isso vai permitir o desenvolvimento da competência necessária para o aluno formular, implementar e avaliar projetos de intervenção, podendo também participar diretamente do processo de coleta, processamento e análise dos dados referentes ao trabalho do cientista político.

5.3. Mercado de Trabalho

A atividade profissional do Cientista Política está em expansão no país e encontra espaço no mercado de trabalho tanto no setor público quanto no setor privado. A formação do cientista político o permite atuar nas áreas de docência, pesquisa, assessoria, consultoria e planejamento. Dessa forma, o profissional da área pode atuar diretamente nos seguintes seguimentos:

- 1) Órgãos governamentais nos três níveis federativos – união, estado e município;
- 2) Organizações Políticas (partidos, sindicatos, entidades de classe etc.);
- 3) Organizações do Terceiro Setor;
- 4) Congresso Nacional, Assembleias Legislativas e Câmaras de Vereadores;
- 5) Empresas privadas (Institutos de opinião pública, Institutos de pesquisa, planejamento e assessoria técnica etc.);
- 6) Meios de comunicação (jornais, revistas, mídia televisiva etc.);
- 7) Instituições de ensino (universidades, faculdades, centro de formação etc.);
- 8) Marketing político e governamental;

6. PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O processo de ensino-aprendizagem é o conjunto de ações e estratégias que busca orientar o estudante à obtenção dos recursos necessários para a formação do profissional da área de Ciência Política. Este se caracteriza por uma relação dialética de construção do conhecimento entre educando e educador. Para isso, deve-se pensar o curso de tal forma que as atividades sugeridas tenham uma sequência lógica, ou seja, que tenham relações de interdependência entre si.

Assim, o caráter interativo do processo de ensino-aprendizagem evoca a necessidade de tornar as atividades que constituem o curso de Ciência Política mais integradas, partindo dos seguintes princípios pedagógicos: instrução, supervisão e cooperação, *id est*, da formação de um saber que se retroalimenta. Dessa forma, os conteúdos abordados durante as atividades do curso podem ser ressignificados e reconstruídos a cada momento, tornando este processo mais efetivo.

As vivências estabelecidas entre aluno e professor, ou seja, entre educando e educador, devem ser fruto de um processo de ensino-aprendizagem, cada vez mais, atento com as necessidades impostas na sociedade contemporânea. Novos saberes devem ser explorados, sendo o professor parte ativa nesse processo, assim como o aluno.

O *modus operandi* do processo educativo deve ir além da simples adaptação de conteúdos para a sala-de-aula. Deve envolver capacidades que irão contribuir para a formação crítica do profissional de Ciência Política, fomentando uma cultura ético-profissional. Enfim, os cientistas políticos egressos da UFPI serão formados por uma conduta condizente com a ética profissional e valores sociais que incentivem um posicionamento cidadão diante da realidade social e política vigente.

Para isso, faz-se mister que educando e educador participem ativamente do processo de ensino-aprendizagem, nas suas mais variadas facetas. Assim, conteúdo e método não devem estar dissociados, mas integrados numa relação dialógica que envolve os principais atores desse processo: o aluno e o professor.

6.1. O papel do aluno

Como o aluno é um sujeito integrante do processo de ensino-aprendizagem, o currículo do curso de Ciência Política da UFPI está organizado de forma a possibilitar a participação ativa do aluno em todo o processo educativo. Dessa forma, o aluno não está limitado a apenas aprender, mas em contribuir de forma decisiva na construção do saber, através de sua integração no ensino, na pesquisa e na extensão. O aluno deve, assim, ter postura de curiosidade epistemológica e teórico-metodológica frente aos desafios da área.

Dessa forma, o aluno do curso será estimulado a desenvolver a capacidade de trabalhar individualmente e em grupo. Isso será fundamental para a construção de um espírito ético e humanista, essencial para a formação de uma índole responsável e, conseqüentemente, de um espírito crítico-reflexivo. Portanto, o aluno, antes de tudo, deve ter consciência do seu papel, de que aprendizagem é um processo de retroalimentação que envolve uma postura dinâmica e compromissada do aluno com todas as fases da formação acadêmica e profissional.

6.1. O papel do professor

O currículo do curso de Ciência Política será gerido de modo a aproximar aluno e professor. Nesse caso, o professor tem o papel central no processo de ensino-aprendizagem, à medida que ele exerce uma função significativa de facilitador das principais atividades do processo educacional.

O professor deve exercer suas atividades para além da sala-de-aula, ou seja, deve despertar o interesse pelo curso, pelos conteúdos abordados e demais atividades que fazem parte da formação do aluno. Nisso, a pesquisa e os projetos de extensão não deve somente incluir os alunos, mas torná-los parte ativa desse processo. O currículo do curso contempla as necessidades impostas para uma relação dialógica entre professor e aluno. Nesses termos, professor é compreendido como um mediador do conhecimento.

7. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

As diretrizes curriculares nacionais para os cursos de Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia), através da Resolução CNE/CES nº 17/2002 e conforme o Parecer CNE/CES nº 492/2001, definem as normas para a concepção do curso na área de Ciência Política. Propõe-se, nesse sentido, estabelecer a organização curricular do curso, de acordo com atividades acadêmicas que recusem a especialização precoce dos estudantes da área de Ciência Política.

Por isso, o currículo organizado para o curso prevê tanto a formação específica como complementar, tendo, assim, uma preocupação com o desenvolvimento intelectual mais amplo do alunado. Sugere-se, a partir disso, o estabelecimento de uma gama de atividades acadêmicas que contemplam temáticas, questões teóricas e sociais relevantes para a atuação profissional do cientista político.

7.1. Estrutura do curso

A organização curricular do curso em Ciência Política estrutura-se, de acordo com as diretrizes curriculares supracitadas, em três eixos de formação: 1) Formação Específica; 2) Formação Complementar; e 3) Formação Livre.

7.1.1. Eixo de Formação Específica

Segundo a Resolução CNE/CES nº 17/2002 e conforme o Parecer CNE/CES nº 492/2001, o eixo de Formação Específica deve

[...] constituir a base do saber característico da área de atuação do cientista social. Entende-se que tal Eixo deva ser composto de um conjunto de atividades acadêmicas obrigatórias, optativas e complementares que fazem parte da identidade do curso (Antropologia, Ciência Política e Sociologia). Cabe ao Colegiado do curso definir criteriosamente as atividades que definem a especificidade do curso bem como a tradução destas em carga horária (Parecer CNE/CES nº 492/2001).

Dessa forma, foram definidos as disciplinas do Eixo de Formação Específica como aquelas que estão relacionadas à formação básica em Ciência Política: as Teoria Políticas, disciplinas relacionadas a Relações Internacionais e sobre política brasileira e comparada. As disciplinas obrigatórias associadas a essas temáticas estão expostas nas tabelas a seguir:

Eixo de Formação Específica		
Ordem	Nome da disciplina obrigatória	Carga horária (h/a)
01	Seminário de introdução ao curso de Ciência Política	15
02	Iniciação à Ciência Política	60
03	Teoria Política I (Clássica)	60
04	Teoria Política II (Moderna)	60
05	Teoria Política III (Contemporânea)	60
06	Teoria das Relações Internacionais	60
07	Pensamento social e político do Brasil I	60
08	Pensamento social e político do Brasil II	60
09	Instituições políticas brasileiras	60
10	Política externa brasileira	60
11	Partidos políticos e sistemas partidários	60
12	Sistemas eleitorais	60
13	Cultura Política e movimentos sociais	60
14	Comunicação política e opinião pública	60
15	Política piauiense	60
16	Marketing político	60
17	Políticas públicas	60
18	Desenho de pesquisa em Ciência Política	60
19	Metodologia Quantitativa	60
20	Metodologia Qualitativa	60
21	Planejamento e assessoria técnica	60
TOTAL PARCIAL		1215

7.1.2. Eixo de Formação Complementar

Segundo a Resolução CNE/CES nº 17/2002 e conforme o Parecer CNE/CES 492/2001, o eixo de Formação Complementar compreende:

atividades acadêmicas obrigatórias, optativas e atividades definidas a partir dos conjuntos temáticos das áreas específicas de formação do curso, bem como de atividades acadêmicas que fazem interface com aqueles conjuntos advindas de outros cursos da IES, definidas previamente no projeto pedagógico do curso (Parecer CNE/CES nº 492/2001).

Eixo de Formação Complementar – Disciplinas Obrigatórias

Ordem	Nome da disciplina obrigatória	Carga horária (h/a)
01	Iniciação à Sociologia	60
02	Filosofia da Ciência	60
03	Antropologia política	60
04	Inglês instrumental	60
05	História do Brasil	60
06	Introdução à Economia	60
07	Direito constitucional	60
08	Fundamentos de lógica matemática	60
09	Estatística I	60
10	Estatística II	60
11	Legislação eleitoral	60
12	Gestão pública	60
13	Política e meio ambiente	60
14	Ética e política	60
15	Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)	60
16	Metodologia do trabalho científico	60
TOTAL PARCIAL		960

Além das disciplinas do Eixo de Formação Complementar obrigatórias, o aluno deverá cursar três disciplinas optativas (180 horas/aula). Estas disciplinas serão ofertadas pelo curso, de acordo com o disposto a seguir.

Eixo de Formação Complementar - Disciplinas Optativas

Ordem	Nome da disciplina	Carga horária (h/a)
01	Regime e organizações internacionais	60
02	Relações internacionais e política social	60
03	Geografia internacional e geopolítica	60
04	História das idéias políticas e sociais	60
05	Processo legislativo	60
06	Sociologia brasileira	60
07	Introdução ao estudo do direito	60
08	Democracia e competição política	60
09	Política latino-americana	60
10	Planejamento de campanha eleitoral	60
11	Corrupção e accountability em sistemas políticos modernos	60
12	Estado e sociedade no capitalismo contemporâneo	60
13	Direitos humanos, política e direito	60
14	Constitucionalismo, democracia e Estado de direito	60
15	Financiamento da competição política em perspectiva comparada	60
16	Democracia e participação	60
17	Desenvolvimento econômico e questões regionais	60
18	Psicologia política	60
19	Estudos legislativos	60
20	Elaboração de projeto e de artigos científicos	60
21	Federalismo e representação política	60
22	Política e desenvolvimento econômico	60
TOTAL A SER CURSADO		180

As disciplinas do Eixo de Formação Complementar, portanto, contemplam um total de **1140 horas/aula**, resultado da somatória das 960 horas/aula das disciplinas obrigatórias mais 180 horas/aula das disciplinas optativas deste Eixo.

7.1.3. Eixo de Formação Livre

Segundo a Resolução CNE/CES nº 17/2002 e conforme o Parecer CNE/CES nº 492/2001, o eixo de Formação Livre compreende “atividades acadêmicas de livre escolha do aluno no contexto da IES” (Parecer CNE/CES nº 492/2001). A disciplina do Eixo de Formação Livre não deverá ser confundida com as disciplinas optativas, pois estas estão enquadradas dentro do Eixo de Formação Complementar. O aluno deverá cursar uma disciplina do Eixo de Formação Livre, o que equivale à **60 horas/aula**.

7.1.4 Estágio Curricular

O Estágio Curricular é obrigatório e totaliza **225 horas/aula**. Deve ser realizado, preferencialmente, no penúltimo período, sob orientação de um professor do curso de Ciência Política da UFPI, tendo como meta oportunizar ao educando um momento de aliar teoria e prática. Este é um momento em que o aluno terá contato mais autoral com o uso de procedimentos de pesquisa apreendidos ao longo do curso, de forma a contribuir para a inserção do aluno no mercado de trabalho.

7.1.5 Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia (TCC)

A disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é obrigatória e totaliza **180 horas/aula**. Deve ser realizada no final do curso (último período), sob orientação de um professor do curso de Ciência Política da UFPI, possibilitando o aprofundamento do aluno em um tópico específico do conteúdo estudado ao longo do curso. O TCC é, portanto, um momento de iniciação do aluno à prática acadêmica de pesquisa, ou seja, é um ato em que o estudante detém-se a dissertar sobre um determinado tema de relevância acadêmica ou social.

O TCC deve obedecer às normas atualizadas de produção de trabalho científico da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). O trabalho deverá ser apresentado publicamente e avaliado por uma banca composta de três professores: 1) o orientador; 2) um professor da Coordenação do Curso de Ciência Política da UFPI; e 3) um professor, de preferência, de outro Departamento/Coordenação ou de outra Instituição de Ensino Superior (IES).

7.1.6 Atividades Complementares

Segundo a Resolução CNE/CES nº 17/2002 e conforme o Parecer CNE/CES nº 492/2001, dentro da estrutura curricular, outras atividades acadêmicas podem ser consideradas parte da integralização curricular, dentre elas: “estágios, iniciação científica, laboratórios, trabalho em pesquisa, (...) participação em eventos científicos, seminários extra-classe, empresa júnior, projetos de extensão” (CNE/CES nº 492/2001). Essas atividades só poderão ser creditadas com aval do Colegiado do curso de Ciência Política da UFPI. Essas atividades visam à complementação da formação profissional do bacharel em Ciência Política, totalizando, no mínimo, **120 horas/aula**.

Mais especificamente, de acordo com a Resolução CEPEX/UFPI nº 150/06, as atividades complementares consideradas pela UFPI são as seguintes:

I - Atividades de iniciação à docência e à pesquisa: exercício de monitoria, participação em pesquisa e projetos institucionais, participação no PET/PIBIC e participação em grupos de estudo/pesquisa sob supervisão de

professores e/ou alunos dos Cursos de Mestrado e/ou Doutorado da UFPI; II – atividades de apresentação e/ou organização de eventos gerais: congressos, seminários, conferências, simpósios, palestras, fóruns, semanas acadêmicas (participação e organização); III - experiências profissionais e/ou complementares: realização de estágios não obrigatórios cadastrados na Pró-Reitoria de Extensão, realização de estágios em Empresa Júnior/Incubadora de Empresa, participação em projetos sociais governamentais e não governamentais e participação em programas de bolsa da UFPI; IV - trabalhos publicados em revistas indexadas, jornais e anais, bem como apresentação de trabalhos em eventos científicos e aprovação ou premiação em concursos; V - atividades de extensão: cursos à distância, estudos realizados em programas de extensão e participação em projetos de extensão; VI - vivências de gestão: participação em órgãos colegiados da UFPI, participação em comitês ou comissões de trabalhos na UFPI, não relacionados a eventos, e participação em entidades estudantis da UFPI como membro de diretoria; e VII - atividades artístico-culturais e esportivas e produções técnico-científicas: participação em grupos de arte, tais como, teatro, dança, coral, poesia, música e produção ou elaboração de vídeos, *softwares*, exposições e programas radiofônicos (Resolução CEPEX/UFPI nº 150/06).

7.2 Integralização Curricular

Segundo a Resolução CNE/CES nº 02/2007, que dispõe sobre a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, a carga horária mínima para o curso de Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) é de 2.400 horas. O currículo do curso de Ciência Política da UFPI terá carga horária total de 2.940 horas/aula, considerando todas as atividades relacionadas para a integralização do curso, conforme Tabela abaixo.

Resumo da Carga Horária de Integralização do Curso		
Ordem	Atividades	Carga horária (h/a)
01	Eixo de Formação Específica	1215
02	Eixo de Formação Complementar	1140
03	Eixo de Formação Livre	60
04	Estágio Curricular	225
05	Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia (TCC)	180
06	Atividades Complementares	120
TOTAL		2940

7.3 Duração do Curso

O curso de Ciência Política da UFPI será de 4 (quatro) anos e funcionará no turno noturno. O limite máximo para a conclusão do mesmo será de 6 (seis) anos.

Duração do Curso de Ciência Política da UFPI

Ordem	Duração	Anos
01	Mínima (Sugerida)	4
02	Máxima	6

7.4 Matriz Curricular

Nome da Disciplina	Créd.	Carga Horária (h/a)	Pré-requisitos
1º Período (330 h/a)	T.P.TP		
Seminário de introdução ao curso de Ciência Política	1.0.0	15	-
Metodologia do trabalho científico	4.0.0	60	-
Iniciação à Ciência Política	4.0.0	60	-
Iniciação à Sociologia	4.0.0	60	-
Inglês instrumental	4.0.0	60	-
Filosofia da ciência	4.0.0	60	-
TOTAL	21.0.0	315	
2º Período (315 h/a)	T.P.TP		
Teoria Política I (Clássica)	4.0.0	60	Iniciação à Ciência Política
História do Brasil	4.0.0	60	-
Introdução à Economia	4.0.0	60	-
Fundamentos de lógica matemática	4.0.0	60	-
Antropologia política	4.0.0	60	-
TOTAL	20.0.0	300	
3º Período (315 h/a)	T.P.TP		
Teoria Política II (Moderna)	4.0.0	60	Teoria Política I (Clássica)
Teoria das Relações Internacionais	4.0.0	60	Teoria Política I (Clássica)
Pensamento social e político do Brasil I	4.0.0	60	História do Brasil
Desenho de pesquisa em Ciência Política	4.0.0	60	-
Estatística I	4.0.0	60	Fundamentos da Lógica Matemática
TOTAL	20.0.0	300	

4º Período (315 h/a)	T.P.TP		
Teoria Política III (Contemporânea)	4.0.0	60	Teoria Política II (Moderna)
Pensamento social e político do Brasil II	4.0.0	60	Pensamento Social e Político do Brasil I
Instituições políticas brasileiras	4.0.0	60	-
Direito constitucional	4.0.0	60	-
Estatística II	4.0.0	60	Estatística I
TOTAL	20.0.0	300	

5º Período (315 h/a)	T.P.TP		
Partidos políticos e sistemas partidários	4.0.0	60	Teoria Política II (Moderna)
Política externa brasileira	4.0.0	60	Teoria das Relações Internacionais
Políticas públicas	4.0.0	60	-
Política e meio ambiente	4.0.0	60	-
Metodologia quantitativa	4.0.0	60	Desenho de Pesquisa em Ciência Política
TOTAL	20.0.0	300	

6º Período (315 h/a)	T.P.TP		
Disciplina optativa I	4.0.0	60	-
Legislação eleitoral	4.0.0	60	-
Gestão pública	4.0.0	60	Políticas Públicas
Planejamento e assessoria técnica	4.0.0	60	-
Metodologia qualitativa	4.0.0	60	Desenho de Pesquisa em Ciência Política
TOTAL	20.0.0	300	

7º Período (540 h/a)	T.P.TP		
Sistemas eleitorais	4.0.0	60	-
Cultura política e movimentos sociais	4.0.0	60	-
Comunicação política e opinião pública	4.0.0	60	-
Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)	4.0.0	60	-
Disciplina de formação livre	4.0.0	60	-
Estágio curricular	0.0.15	225	Teoria Política III (Contemporânea); Desenho de Pesquisa em Ciência Política; e Planejamento e Assessoria
TOTAL	20.0.15	225	

8º Período (495 h/a)	T.P.TP		
Política piauiense	4.0.0	60	-
Marketing político	4.0.0	60	Comunicação Política e Opinião Pública
Disciplina optativa II	4.0.0	60	-
Disciplina optativa III	4.0.0	60	-
Ética e política	4.0.0	60	-
Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia (TCC)	0.0.12	180	Metodologia Quantitativa; Metodologia Qualitativa; Teoria Política III (Contemporânea)
TOTAL	20.0.12	480	

RESUMO DA MATRIZ

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS: 2.460 h

DISCIPLINAS OPTATIVAS: 180h

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC): 180h

ATIVIDADES COMPLEMENTARES: 120h

CARGA HORÁRIA TOTAL: 2.940h CRÉDITOS: 196

8. EMENTAS DAS DISCIPLINAS

8.1 Disciplinas do Eixo de Formação Específica

DISCIPLINA: Seminário de Introdução ao Curso de Ciência Política		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 15 h	CRÉDITOS 1.0.0	PRÉ-REQUISITOS: —
<p>Ementa:</p> <p>Apresentação do curso de Ciência Política, das disciplinas, dos professores e da estrutura técnica e física do curso. Indicação das possibilidades dos alunos em projetos e núcleos de pesquisa ligados ao curso e aos professores de Ciência Política. Discussão das perspectivas dos egressos no mercado de trabalho.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. 8ª ed. — Brasília. Editora UNB. (Verbete: Ciência Política pp. 164-168). 1995.</p> <p>DUVERGER, M. Ciência Política: teoria e método. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.</p> <p>LAMOUNIER, B. A ciência política nos anos 80. Brasília: UnB, 1982.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>COMISSÃO GULBENKIAN. Para abrir as Ciências Sociais. Lisboa: Europa-américa, 1996.</p> <p>MOREIRA, A. Ciência Política. Coimbra: Almedina, 2009.</p> <p>STRAUSS, L. O Que é a Filosofia Política? Leviathan – Cadernos de Pesquisa Política, n. 2, pp. 167-193, 2011.</p> <p>HENRIQUE, F; LAMOUNIER, B. A Bibliografia de Ciência Política sobre o Brasil (1949-1974), Dados, n.º 18, 1978.</p> <p>BOBBIO, Norberto. Estado, Governo e Sociedade: Para uma Teoria Geral da Política. 4ªed—São Paulo. Paz e Terra. 1992.</p>		

DISCIPLINA: Iniciação à Ciência Política		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: —
<p>Ementa: Antecedentes da Ciência Política. Objeto da Ciência Política. Filosofia e Teoria Política. Questões Metodológicas da Ciência Política. Estado e Instituições Políticas. Conceitos básicos: Estado, sociedade civil, soberania, democracia, cidadania, partidos e representação política e participação política.</p> <p>Bibliografia básica: BOBBIO, N (Org.). Dicionário de Política. vol. 1 e 2. Brasília: UnB, 1992.</p> <p>BOBBIO, N. Teoria Geral da Política. Rio de Janeiro. Campus, 1999.</p> <p>DUVERGER, M. Ciência Política: teoria e método. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.</p> <p>FERNANDES, A. T. Os fenômenos políticos: sociologia do poder. Porto: Afrontamento, 1988.</p> <p>MOREIRA, A. Ciência Política. Coimbra: Almedina, 2009.</p> <p>Bibliografia complementar: BOBBIO, N. e BOVERO, M. Sociedade e Estado na filosofia política moderna. São Paulo: Brasiliense, 1986.</p> <p>BOÉTIE. Etienne de la. Discurso da servidão voluntária. São Paulo: Brasiliense, 1999.</p> <p>DAHL, R. Análise Política moderna. Brasília: UnB, 1988.</p> <p>WEBER, M. A Política como Vocação. in: Ciência e Política. Duas Vocações. São Paulo: Cultrix, 2006.</p> <p>BALL, T. Aonde vai a teoria política?. In: Revista de Sociologia e Política. Curitiba, n. 23, p. 9-22, 2004.</p> <p>BERLIN, I. Ainda existe a Teoria Política?. In: HARDY, Henry e HAUSHEER, Roger (eds). Isaiah Berlin: Estudos sobre a Humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, p. 99-130, 2002.</p>		

DISCIPLINA: Teoria Política I (Clássica)		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Iniciação à Ciência Política
<p>Ementa: Formação do Estado moderno e Teoria Política. Nicolau Maquiavel e a formação do Estado Nacional. Jean Bodin e a soberania no Estado moderno. Thomas Hobbes: contrato e soberania. John Locke: contrato e liberdade. Jean-Jacques Rousseau: contrato, liberdade e vontade geral. Montesquieu e a teoria da separação dos poderes.</p> <p>Bibliografia básica: BOBBIO, N. e BOVERO, M. Sociedade e Estado na filosofia política moderna. São Paulo: Brasiliense, 1986.</p> <p>BODIN, J. Los sies libros de la república. 3ª ed. Madrid: Tecnos, 1997.</p> <p>HOBBS, T. Leviatã. São Paulo: Martins Fontes, 2003.</p> <p>LOCKE, J. Dois tratados sobre o governo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.</p> <p>MAQUIAVEL, N. O Príncipe. São Paulo: Martins Fontes, 2001.</p> <p>MONTESQUIEU, O espírito das leis. São Paulo: Martins Fontes, 2005</p> <p>ROUSSEAU, J. J. O contrato social. São Paulo: Martins Fontes, 1999.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>QUIRINO, C. G.; VOUGA, C.; BRANDÃO, G. (Orgs.). Clássicos do pensamento político. São Paulo: EDUSP, 1998.</p> <p>QUIRINO, C. G.; SADEK, M. T. O pensamento político clássico. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.</p> <p>STRAUSS, L.; CROPSEY, J. História da Filosofia Política. São Paulo: Forense Universitária, 2013.</p> <p>VOEGELIN, E. História das Ideias Políticas. Renascença e Reforma. São Paulo: É Realizações, 2014.</p> <p>STRAUSS, L. La Filosofía Política de Hobbes. Su Fundamento y su génesis. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.</p>		

DISCIPLINA: Teoria Política II (Moderna)		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Teoria Política I (Clássica)
<p>Ementa: Estado e representação. Liberdade e utilidade na Teoria Política do século XIX. As instituições políticas liberais e seu funcionamento. Autores: Benjamin Constant, Edmund Burke, Alexis Tocqueville, Jeremy Bentham, John Stuart Mill e Karl Marx.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>BENTHAM, J. O Panóptico. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.</p> <p>BENTHAM, J. Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação. São Paulo: Abril Cultural, 1974.</p> <p>BURKE, E. Reflexões sobre a Revolução na França. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.</p> <p>CONSTANT, B. Princípios de Política Aplicáveis a todos os Governos. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.</p> <p>MARX, K. O Dezoito de Brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Boitempo, 2011.</p> <p>TOCQUEVILLE, A. A Democracia na América. Leis e Costumes. (Livro I) São Paulo: Martins Fontes, 2005.</p> <p>TOCQUEVILLE, A. A Democracia na América. Sentimentos e Opiniões. (Livro II) São Paulo: Martins Fontes, 2013.</p> <p>TOCQUEVILLE, A. O antigo regime e a revolução. São Paulo: Martins Fontes, 2009.</p> <p>STUART MILL, J. A liberdade/Utilitarismo. São Paulo: Martins Fontes, 2000.</p> <p>_____. Considerações sobre o governo representativo. Brasília: UnB, 1981.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>QUIRINO, C. G.; VOUGA, C.; BRANDÃO, G. (Orgs.). Clássicos do pensamento político. São Paulo: EDUSP, 1998.</p> <p>QUIRINO, C. G.; SADEK, M. T. O pensamento político clássico. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.</p> <p>HUMBOLDT, W. Os Limites da Ação do Estado. Rio de Janeiro: Topbooks/Liberty Funds, 2004.</p> <p>GUIZOT, F. A história das origens do governo representativo na Europa. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.</p>		

MERQUIOR, J.G. **Liberalismo: Antigo e Moderno**. São Paulo: É Realizações Nova Fronteira, 2014.

DISCIPLINA: Teoria Política III (Contemporâneo)		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Teoria Política II (Moderna)
<p>Ementa: Pensamento político contemporâneo: teoria das elites, marxismo e neomarxismo, pluralismo, institucionalismo e neoinstitucionalismo, e neocontratualismo.</p> <p>Bibliografia básica: ARROW, K. Social choice and intellectual value. Yale: Yale University Press, 1963.</p> <p>DAHL, R. Poliarquia. São Paulo: Edusp, 1997.</p> <p>DAHL, R. Um prefácio à teoria democrática. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.</p> <p>DOWNS, A. Uma teoria econômica da democracia. São Paulo: Edusp, 1999.</p> <p>MILIBAND, R. O Estado na sociedade capitalista. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.</p> <p>MILLS, C. W. A elite do poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.</p> <p>OLSON, M. A lógica da ação coletiva. São Paulo: Edusp, 1999.</p> <p>SCHUMPETER, J. Capitalismo, socialismo e democracia. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.</p> <p>WEBER, M. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. vol. 1 e 2. Brasília, UnB, 2003.</p> <p>Bibliografia complementar: BUCHANAN, J. M. The calculus of consent. New York, Ann Arbor, 1999.</p> <p>TULLOCK, G. Falhas de governo. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 2002.</p> <p>HABERMAS, J. A Inclusão do Outro. Estudos de Teoria Política. São Paulo: Edições Loyola, 2002.</p> <p>RAWLS, J. Uma Teoria da Justiça. São Paulo: Martins Fontes, 2012.</p> <p>NOZICK, R. Anarquia, Estado e Utopia. São Paulo: Martins Fontes, 2012.</p>		

DISCIPLINA: Teoria das Relações Internacionais		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Teoria Política I (Clássica)
<p>Ementa: O sistema internacional do século XIX e XX. Diplomacia e Ordem. Guerra e Paz. Teoria das Relações Internacionais. Realismo. Funcionalismo. Idealismo. Teoria da Dependência. Neorealismo. Teoria da Inter-Dependência. Globalização e Regionalização.</p> <p>Bibliografia básica: ARON, R. Estudos políticos. Brasília: UnB, 1985.</p> <p>_____. Paz e guerra entre as nações. Brasília: UnB, 1986.</p> <p>_____. Pensar a guerra, Clausewitz: a era planetária. Brasília: UnB, 1986.</p> <p>BULL, H. The Anarchical Society: a study of order in World Politics. Londres: Macmillan, 1977.</p> <p>BARBÉ, E. Relaciones Internacionales. Madrid: Tecnos, 1995.</p> <p>BURTON, J. W. Teoría General de las Relaciones Internacionales. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1973.</p> <p>CARR, E. H. Vinte anos de crise: 1919-1939. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.</p> <p>HALLIDAY, F. Repensando as relações internacionais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.</p> <p>KEOHANE, R. O; NYE; J. S. Después de la Hegemonía: Cooperación y Discordia en la Política Económica Mundial. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1988.</p> <p>_____. Poder e Interdependencia: la Política Mundial en Transición. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1988.</p> <p>MIYAMOTO, S. Ideário da paz em um mundo conflituoso. In: BEDIN, Gilmar Antonio et al. Paradigmas das relações internacionais: idealismo-realismo-dependência-independência. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.</p> <p>MORGHENTHAU, H. J. Política entre las Naciones: la Lucha para el Poder y para la Paz. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1986.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>TRUYOL Y SERRA, A. La Teoría de las Relaciones Internacionales como sociología.</p>		

(Introducción Estudio de las Relaciones Internacionales). Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1973.

_____. **La Sociedad Internacional**. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

WALTZ, K. **Theory of International Politics**. New York: McGraw-Hill, 1977.

DOUGHERTY, J. E., PFALTZGRAFF JR., Robert L., **Relações internacionais: as teorias em confronto**. Lisboa: Gradiva, 2003.

FONSECA JÚNIOR, G. **A legitimidade e outras questões internacionais: poder e ética entre as nações**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FUKUYAMA, F. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FRIEDMAN, B. **As consequências morais do crescimento econômico**. São Paulo: Record, 2009.

HERZ, M. HOFFMANN, A. R. **Organizações internacionais: história e práticas**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004.

JOHNSON, C. **Blowback: os custos e as consequências do império americano**. São Paulo: Record: 2007.

HIRST, P.; THOMPSON, G. **Globalização em questão**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DISCIPLINA: Pensamento social e político do Brasil I		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: História Brasil
<p>Ementa: Relação Estado-sociedade e a formação do sistema político no Brasil do Império e à República. As fundações do pensamento social e político brasileiro do século XIX à primeira metade do século XX: Visconde do Uruguai, Tavares Bastos, Sílvio Romero, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, Alberto Torres, Oliveira Viana e Azevedo Amaral. Formação das instituições políticas brasileiras. Autoritarismo, republicanismismo, federalismo e liberalismo no Brasil.</p> <p>Bibliografia básica: AMARAL, A. O Estado autoritário e a realidade nacional. Brasília: UnB, 1981.</p> <p>BARBOSA, Ruy. Cartas de Inglaterra. Rio de Janeiro: LEUVINGER, 1996.</p> <p>_____. Queda do Império. 2 v. Rio de Janeiro: Cartilho, 1921.</p> <p>CARVALHO, J. M. A Construção da Ordem/Teatro de Sombras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.</p> <p>NABUCO, Joaquim. A Escravidão. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no 204. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.</p> <p>_____. O Abolicionismo. Petrópolis: Vozes, 1988.</p> <p>_____. Um estadista do Império. 2 vol. Rio de Janeiro: Topbooks/Faculdade da Cidade, 1997.</p> <p>OLIVEIRA VIANNA, F. J. de. Instituições Políticas Brasileiras. 2 v. São Paulo: José Olympio, 1949.</p> <p>OLIVEIRA VIANNA, F. J. de. Populações meridionais do Brasil e instituições políticas brasileiras. Brasília: Câmara dos Deputados, 1982.</p> <p>SOUZA, P. J. S. de S. (Visconde do Uruguai). Ensaio sobre o Direito Administrativo. Brasília: Ministério da Justiça, 1997. (1ed. 1862).</p> <p>_____. Estudos Práticos sobre a administração das Províncias no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1865.</p> <p>TAVARES BASTOS, A. C. A Província. São Paulo/Brasília: Cia Editora Nacional/INL, 1975.</p> <p>Bibliografia complementar: SANTOS, W. G. dos. Ordem Burguesa e Liberalismo Político. São Paulo: Duas Cidades, 1978.</p>		

BOTELHO, A. Passado e futuro das interpretações do país. **Tempo Social - Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 22, n. 1, jun. 2010.

BRANDÃO, G. M. **Linhagens do pensamento político brasileiro**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2007.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Seis interpretações sobre o Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, vol. 25, n. 3, p. 269-306, 1982.

CARDOSO, F. H. **Pensadores que inventaram o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LAHUERTA, M. Intelectuais e resistência democrática: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 8, n. 14/15, 2001.

RICUPERO, B. **Sete lições sobre as interpretações do Brasil**. São Paulo: Alameda, 2007.

SCHWARCZ, L. M.; BOTELHO, A. Simpósio: cinco Questões sobre o Pensamento social brasileiro. **Lua Nova**, São Paulo, 82: 139-159, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n82/a07n82.pdf>.

WEFFORT, F. **Formação do pensamento político brasileiro: ideias e personagens**. São Paulo: Ática, 2006.

DISCIPLINA: Pensamento social e político do Brasil II		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Pensamento Social e Político do Brasil I
<p>Ementa: Relação entre Estado e Sociedade no Brasil. Formação social brasileira conforme Gilberto Freyre. As raízes do Brasil por Sérgio Buarque de Holanda. Os conflitos sociais na gênese nacional. Caio Prado Junior e o processo de formação econômica do Brasil. A dicotomia público-privado no Brasil. Coronelismo e clientelismo por Victor Nunes Leal. O estamento burocrático nas origens nacionais e a sua contemporaneidade. A formação do patronato político brasileiro em Raymundo Faoro. Nacionalismo e desenvolvimento na Escola Superior de Guerra (ISEB) e na Escolha Superior de Guerra (ESG). Revolução e burguesia no Brasil para Florestan Fernandes.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>FAORO, R. Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. vol. 1 e 2. Porto Alegre: Globo, 1984.</p> <p>FERNANDES, F. A Revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica. São Paulo, Globo: 2006.</p> <p>FREYRE, G. Casa-grande & senzala. Rio de Janeiro: Record, 2000.</p> <p>_____: Ordem e progresso. São Paulo: Global, 2004.</p> <p>_____: Sobrados e mucambos. São Paulo: Global, 2004.</p> <p>FURTADO, C. Formação econômica do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.</p> <p>HOLANDA, S. B. de: Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.</p> <p>LEAL, V. N. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Alfa-Omega, 1993.</p> <p>PRADO JUNIOR, C. A revolução brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1977.</p> <p>PRADO JUNIOR, C. Formação do Brasil contemporâneo. Colônia/São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.</p> <p>_____. Evolução política do Brasil: colônia e império. São Paulo: Brasiliense, 2007.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>ANTUNES, R.; FERRANTE, V.; MORAES, R. (Orgs.). Inteligência Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1986.</p>		

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. O conceito de desenvolvimento do ISEB rediscutido. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, p. 49-84, 2004.

CAMPANTE, Rubens Goyatá. O patrimonialismo em Faoro e Weber e a sociológica brasileira. **Dados**, Rio de Janeiro, vol. 46, n. 1, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. (Org.) **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 1997.

FAORO, Raymundo. **Existe um pensamento político brasileiro?** São Paulo: Ática, 1994.

LOVATTO, Angélica. **A utopia nacionalista de Hélio Jaguaribe**: os tempos do ISEB. São Paulo: Xamã/Arte Escrita Editora, 2010.

RICÚPERO, Bernardo. **Caio Prado Júnior e a nacionalização do marxismo no Brasil**. São Paulo: Ed. FAPESP/Depto. Ciência Política - USP, 2000.

DISCIPLINA: Instituições políticas brasileiras		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: A República de 1946 e a ruptura democrática. As instituições políticas e a Constituição de 1988. Federalismo, sistema eleitoral e partidário. O presidencialismo de coalizão: as relações entre os poderes Executivo e Legislativo. A judicialização da política. Governabilidade, representação e reforma política.</p> <p>Bibliografia básica: ABRANCHES, S. Presidencialismo de coalizão: o dilema institucional brasileiro. Dados, vol. 31, n. 1, 1998, p. 5-33.</p> <p>ABRUCIO, F. L.; COSTA, V. M. F. Reforma do estado e o contexto federativo brasileiro. São Paulo: Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung, 1998.</p> <p>AMES, B. Os entraves da democracia no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.</p> <p>ARANTES, R. B. e COUTO, C. G. Constituição, governo e democracia no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 21, nº 61, 2006, p. 41-62.</p> <p>AVELAR, L; CINTRA, A. O. (Orgs). Sistema político brasileiro: uma introdução. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung; São Paulo, Editora Unesp, 2007.</p> <p>FIGUEIREDO, A.; LIMONGI, F. Executivo e Legislativo na nova ordem constitucional. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999.</p> <p>LIMA JUNIOR, O. B. Partidos políticos brasileiros - 1945/1964. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.</p> <p>NICOLAU, J. M. Multipartidarismo e Democracia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.</p> <p>SANTOS, F.. Poder Legislativo no presidencialismo de coalizão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.</p> <p>SANTOS, W. G. dos. O cálculo do conflito: estabilidade e crise na política brasileira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.</p> <p>SOUZA, C. Federalismo, desenho constitucional e instituições federativas no Brasil pós-1988. Revista de Sociologia e Política, nº 24, 2005, p. 105-121.</p> <p>VIANNA, L. W. (Org.) A Democracia e os três poderes no Brasil. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ/FAPERJ, 2002.</p>		

Bibliografia complementar:

NICOLAU, J. M. As distorções na representação dos estados na Câmara dos Deputados Brasileira. **Dados**, v. 40, n.3, 1997, p. 441-464.

VIANNA, L. W.; CARVALHO, M. A. R. de; MELO, M. P. da C. **A judicialização da política e das relações sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

D'ARAÚJO, M. C. **As instituições brasileiras da Era Vargas**. Rio de Janeiro: UERJ e FGV. 1999.

O'DONNELL, G. (1997). Accountability horizontal e novas poliarquias. **Lua Nova**, São Paulo, nº 44, p. 27-35, 1998.

TAYLOR, M. M. O Judiciário e as Políticas Públicas no Brasil. **DADOS, Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.50, nº 2, p.229-257, 2007.

DISCIPLINA: Política externa brasileira		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Teoria das Relações Internacionais
<p>Ementa:</p> <p>A política externa do Império. A política externa do início da república velha. A política externa de Rio Branco. A política externa do Estado Novo. As relações exteriores no período desenvolvimentista e a política externa independente. O regime militar e o pragmatismo responsável. A política externa de 1985 aos dias atuais.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>ALBUQUERQUE, J. A. G. Sessenta Anos de Política Externa Brasileira - Crescimento, Modernização e Política Externa. São Paulo: Cultura Editores Associados, Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais da USP.</p> <p>BANDEIRA, L. A. M. Brasil-Estados Unidos: a Rivalidade Emergente (1950-1988). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.</p> <p>_____. Estado Nacional e política internacional da América Latina: o continente nas relações Argentina-Brasil (1930-1992). São Paulo: Ensaio, 1993.</p> <p>_____. O Milagre Alemão e o Desenvolvimento do Brasil: as Relações do Brasil com a Alemanha e a América Latina (1949-1994). São Paulo: Ensaio, 1994.</p> <p>CERVO, A. L. (Org.). O Desafio Internacional: a política exterior do Brasil de 1930 a nossos dias. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.</p> <p>FERREIRA, O. A crise da política externa – autonomia ou subordinação. Rio de Janeiro: Revan, 2001.</p> <p>_____. Forças Armadas, para quê? São Paulo: GRD, 1988.</p> <p>LIMA, M. R. S. de. Notas sobre as relações Brasil-África no contexto da política externa brasileira recente, Rio de Janeiro, Estudos Afro-Asiáticos, 6 (7), pp. 239-245, 1982.</p> <p>_____. A economia política da política externa brasileira: uma proposta de análise, Rio de Janeiro, Contexto Internacional, 6 (12), pp. 7-27, 1990.</p> <p>LIMA, M. R. S. de; Moura, G. A Trajetória do Pragmatismo e uma Análise da Política Externa Brasileira, Rio de Janeiro, Dados, 25 (3), pp. 349-363, 1982.</p> <p>MARTINS, C. E. A evolução da política externa brasileira na década de 64/74, São Paulo, Estudos Cebrap, n ° 12, pp. 55-98, 1975.</p> <p>MELLO, L. I. de A. A geopolítica do Brasil e a Bacia do Prata. São Paulo, dissertação de</p>		

Mestrado, PUC, Departamento de Ciências Sociais, 1987.

_____. **Argentina e Brasil:** a balança de poder no cone Sul. São Paulo: Annablume, 1996.

Bibliografia complementar:

MIYAMOTO, S.; GONÇALVES, W. da S. Militares, diplomatas e política externa no Brasil pós-64, Campinas, **Primeira Versão**, n. 36, IFCH/UNICAMP, 1991a.

_____. A Política externa brasileira e o regime militar: 1964-1994, Campinas, **Primeira Versão**, IFCH/UNICAMP, n.o 38, 1991b.

OLIVEIRA, O. M. de. **A questão nuclear brasileira:** um jogo de mandos e desmandos, Florianópolis: da UFSC, 1989.

MIYAMOTO, S. Do **Discurso Triunfalista ao Pragmatismo Ecumênico (Geopolítica e Política Externa no Brasil pós-64)**. São Paulo: tese de Doutorado, Departamento de Ciências Sociais da FFLCH-USP, 1986.

_____. **Geopolítica e política externa brasileira.** Marília: UNESP, Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da Documentação, 1987. (Séries Monográficas, Relações Internacionais, 51)

VIZENTINI, P. F. **A política externa do regime militar brasileiro:** multilateralização, desenvolvimento e construção de uma potência média (1964-1985). Porto Alegre: UFRGS, 1998.

DISCIPLINA: Partidos políticos e sistemas partidários		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Teoria Política II (Moderna)
<p>Ementa:</p> <p>A Definição de Partido Político. A Trajetória dos Partidos Políticos na Democracia Os Partidos de Quadros, Os Partidos de Massa, Os Partidos <i>Catch-all</i> e o Partido Cartel. A Organização e o Funcionamento dos Partidos. Os Partidos Políticos na Arena Eleitoral. Os Partidos Políticos na Arena Legislativa. Os Partidos Políticos na Arena Governamental. Os Partidos Políticos e as Políticas Públicas. Os Partidos Políticos ainda Importam? A Relação entre Partidos Políticos e Ideologia.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>CÂNEDO, L. B. O Sufrágio Universal e a Invenção Democrática. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.</p> <p>DUVERGER, M. Os Partidos Políticos. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.</p> <p>GUNTHER, R. Political Parties: Old Concepts and New Challenges. Oxford: Oxford University Press, 2002.</p> <p>LIJPHART, A. Modelos de Democracia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.</p> <p>MELO, C. R. A Democracia no Brasil. Belo Horizonte.: UFMG, 2007.</p> <p>MENEGUELLO, R. Partidos e Governos no Brasil Contemporâneo (1985-1997). São Paulo: Paz e Terra, 1998.</p> <p>MOLHANO, L. Partidos e Políticas Sociais nos Municípios Brasileiros (1996-2003). Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.</p> <p>NICOLAU, J. M. Instituições Representativas no Brasil. Belo Horizonte, UFMG, 2007.</p> <p>_____. Multipartidarismo e Democracia. Rio de Janeiro, FGV, 1996.</p> <p>PANEBIANCO, Â. Modelos de Partido: Organização e Poder nos Partidos Políticos. São Paulo, Martins Fontes, 2005.</p> <p>SARTORI, G. Partidos e Sistemas Partidários. Brasília: UnB, 1982.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>DIAMOND, L; GUNTHER, R. Political Parties and Democracy. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 2001.</p>		

KATZ, R. S. **Democracy and Elections**. London, Oxford University Press, 1997.

KATZ, R. S. Changing Models of Party Organization and Party Democracy. **Party Politics**. v. 1 N° 01. 1995, p. 5-28.

MAIR, P. **Party System Change**: Approaches and Interpretations. New York, Oxford University Press, 2004.

MANIN, B. **The Principles of Representative Government**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

STROM, K.; MULLER, W. **Policy, Office, or Votes?** How Political Parties in Western Europe Make Hard Decisions. United Kingdom, Cambridge University Press, 1999.

DISCIPLINA: Sistemas eleitorais		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: A Definição de Sistema Eleitoral. Os Sistemas Eleitorais Majoritários. Os Sistemas Eleitorais Proporcionais. Fórmulas para Distribuição de Cadeiras nos Sistemas Proporcionais. Os Sistemas Eleitorais Mistos. Os Sistemas Eleitorais e os Sistemas Partidários. Os Efeitos Políticos dos Sistemas Eleitorais. A Magnitude dos Distritos e Seus Efeitos. Índices Utilizados nos Estudos Eleitorais. Os Sistemas Eleitorais em Perspectiva Comparada. As Propostas de Reforma nos Sistemas Eleitorais.</p> <p>Bibliografia básica: KLEIN, C. O Desafio da Reforma Política. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.</p> <p>NICOLAU, J. M. Sistemas Eleitorais. Rio de Janeiro: FGV, 2004.</p> <p>TAVARES, J. A. G. Sistemas Eleitorais nas Democracias Contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 19994.</p> <p>Bibliografia complementar: NORRIS, P. Electoral Engineering: voting rules and political behavior. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.</p> <p>RAE, D. The Political Consequences of Electoral Laws. New Haven: Yale University Press.</p> <p>LIJPHART, A. Electoral Systems and Party Systems. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.</p> <p>MASSICOTE, L; BLAIS, A. Mixed electoral systems: a conceptual and empirical survey, electoral studies, n. 18, p.341-366, 1999.</p> <p>SHUGART, M. S.; WATTENBERG, M. P. (Eds.). Mixed-member electoral systems; the best of of both worlds? Oxford: Oxford University Press, 1967.</p>		

DISCIPLINA: Cultura política e movimentos sociais		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa:</p> <p>Cultura e identidade brasileira. Identidade cultural na pós-modernidade. Evolução política brasileira. Cultura política. Ideologia e política. Democracia deliberativa e participativa. Movimentos sociais: paradigma clássico e os novos movimentos sociais. Sociedade civil. Cultura e política nos movimentos sociais.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>ALMOND, G. A. Uma Teoria de política comparada. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.</p> <p>BOBBIO, N. et al. (Coord.). Dicionário de Política. Brasília: UNB, 1986.</p> <p>CHAUÍ, M. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.</p> <p>DOIMO, A. M. A vez e a voz do popular. Movimentos sociais e participação política no Brasil pós – 70. Rio de Janeiro: Relume-Dumará ANPOCS, 1995.</p> <p>DAGNINO, E. (Org.). Sociedade civil e espaços públicos no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2002.</p> <p>DAGNINO, E.; ALVAREZ, S. E.; ESCOBAR, A. (Org.). Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras. Belo Horizonte: UFMG, 2000.</p> <p>FAORO, R. Os donos do poder. Rio de Janeiro: Globo, 1989.</p> <p>FREYRE, G. Casa-Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Record, 2002.</p> <p>GOHN, M. da G. Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 2004.</p> <p>_____. História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo: Loyola, 1995.</p> <p>HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.</p> <p>HOLANDA, S. B. de. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.</p> <p>JUNIOR, Caio Prado. Evolução Política do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.</p> <p>KRISCHKE, P. J. Aprendendo a democracia na America Latina: atores sociais e mudança cultural. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.</p>		

LEAL, V. N. **Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.

MELUCCI, A.. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis, Vozes, 2001.

MOISÉS, J. A. **Os Brasileiros e a Democracia**: Bases sócio-políticas da legitimidade democrática. São Paulo: Ática, 1995.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SCHERER-WARREN, I. **Cidadania sem fronteira**: ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.

Bibliografia complementar:

SADER, E. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiência, fala e lutas dos trabalhadores na Grande São Paulo 1970/1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, B. de S. **Pela Mão de Alice**: o social e o político na pós-Modernidade. São Paulo: Cortez, 2006.

TEIXEIRA, E. **O local e o global**: limites e desafios da participação cidadã. São Paulo: Cortez, 2001.

TOURAINE, A. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo de hoje. Petrópolis, Rio Janeiro: Vozes, 2007.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

RENNÓ, Lucio. Teoria da Cultura Política: vícios e virtudes. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais- BIB**. Rio de Janeiro, n. 45, 1.º semestre de 1998

MOISÉS, José Álvaro. Cultura política, instituições e democracia: lições da experiência brasileira. **Rev. bras. Ci. Soc.** n.66, 2008

DISCIPLINA: Comunicação política e opinião pública		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Representações da política. Opinião pública. Democracia, política e os meios de comunicação. Propaganda política e eleitoral. Método de análise da cobertura jornalística em eleições.</p> <p>Bibliografia básica: ALBURQUERQUE, A. de. Spots políticos: americanização da propaganda política brasileira? Textos de Cultura e Comunicação, n. 39, p. 113-129, 1998.</p> <p>_____. Política versus televisão: o horário gratuito na campanha presidencial de 1994. Comunicação & Política, v. 1, n. 3, p. 49-54, 1995.</p> <p>ALDÉ, A. A construção da política: democracia, cidadania e meios comunicação de massa. Rio de Janeiro: FGV, 2004.</p> <p>ALDÉ, A; DIAS, H. Intervalo surpresa: spots eleitorais na campanha municipal de 1996. Comunicação & Política, v. 5, n. 1 jan.-abr., 1998.</p> <p>ALMEIDA, J. A conquista do lugar de fala e a fala fora do lugar nos discursos de FHC e Lula sobre o real. In: RUBIM, A; BENTZ, I; PINTO, M. (Org.). Práticas discursivas na cultura contemporânea. São Leopoldo: UNISINOS, 1999. P. 69-91.</p> <p>ALMEIDA, J. Como vota o brasileiro. São Paulo: Casa Amarela, 1996.</p> <p>AZEVEDO, F. A.; RUBIM, Antonio Albino Canelas. Mídia e política na Brasil. Lua Nova, São Paulo, Centro de Estudo de Cultura Contemporânea, n. 43, p. 189-216, 1998.</p> <p>BARREIRA, I. Identificação versus competência: o debate televisão nas eleições de 1998. Comunicação & Política. Rio de Janeiro, Cebela, v. 3, p. 57-72, set-dez, 1998.</p> <p>BARREIRA, I. Chuva de papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.</p> <p>CHAMPAGNE, P. Formar a opinião: o novo jogo político. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.</p> <p>COSTA LIMA, L. Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.</p> <p>DEBRAY, R. O Estudo sedutor: as revoluções midiológicas do poder. Petrópolis: Vozes, 1994.</p> <p>SENNETT, R. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.</p>		

ESTEVEES, J. P. **A ética da comunicação e os média modernos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

FAUSTO NETO, A. **O impeachment da televisão**: como se cassa um presidente. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

FAUSTO NETO, A. Quando a ética toma forma: as estratégias discursivas do jornalismo de combate. In: **ÉTICA, cidadania e imprensa**. Rio de Janeiro: Maudad, 2002.

FIGUEIREDO, M; ALDÉ, A.; DIAS, H; JORGE, V. L. **Estratégias de persuasão em eleições majoritárias**: uma proposta metodológica para o estudo da propaganda eleitoral. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998. (Série Estudos, 100).

FIGUEIREDO, N. de L. **Estratégias de marketing político**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

GOMES, N. D. **Formas persuasivas de comunicação política**: publicidade eleitoral e propaganda política. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

GOMES, W. A política de imagem. Fronteiras. **Estudos Midiáticos**, v. 1, n. 1, p. 145-175, dez. 1999.

GOMES, W. Esfera pública política e media II. In: RUBIM, A. A. C.; BENTZ, IMG.; PINTO, M.J. (Ed.). **Práticas discursivas na cultura contemporânea**. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

JACKS, N; RONSINI, V. M. Mediações na recepção: estudo comparativo entre receptor urbano e rural. In: BRAGA, J. L. (Org.). **A encenação dos sentidos**: mídia, cultura e política. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

JARDIM, C. P. **Com a palavra o senhor presidente ou para compreender os meandros do poder**. São Paulo: Hucitec, 1989.

LIMA, V. A. de. **Mídia, teoria e política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

_____. Televisão e política: hipótese sobre a eleição presidencial de 1989. **Comunicação e política**, São Paulo, v. 9, n. 11, p. 29-54, 1990.

MANIN, B. As metamorfoses do governo representativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 29, p. 5-34, out. 1995.

MIGUEL, L. F. Mídia e discurso político nas eleições presidenciais de 1994. **Comunicação & Política**, v. 4, n. 1, p. 80-97, 1997.

MIGUEL, L. F. Um ponto certo nas teorias da democracia: os meios de comunicação. **Revista BIB**, n. 49, 2000/1.

NOELLE-NEUMAN, E. Pesquisa eleitoral e clima de opinião. **Opinião Pública**, v. 1, n. 2, dez. 1993.

QUEIROZ, A. De Debret a Nizan: a construção da imagem pública dos governantes. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. XXII, n. 1, jan/jun, 1999.

RUA, M. das G. Mídias, informação e política: a eleição presidencial brasileira de 1994. **Comunicação e Política**, v. 1, n. 3, 1995.

RUBIM, A. A. C. **Comunicação e política**. São Paulo: Hackers, 2000.

RUBIM, A. A. C. **Mídia e política no Brasil**. João Pessoa: Universitária, 1999.

SANTA RITA, C. **Batalhas Eleitorais** – 25 anos de marketing político. Geração I, 2001.

SARLO, B. Sete hipóteses sobre a videopolítica. In: _____. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**, Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 129-138.

Bibliografia complementar:

RUBIM, A. A. C. O lugar da política na sociabilidade contemporânea. In: **LUGAR global e lugar nenhum**. São Paulo: Hackers, 2001.

VENTURI, G. Continuidade administrativa: com base nos resultados do primeiro turno, uma análise do papel da propaganda e das pesquisas eleitorais nas eleições municipais de 1996. **Teoria e Debate**, n. 33, p. 4-9, 1997.

VERON, E. Mediatización Del político: estrategias, actores y construcción de los colectivos. In: GAUTHIER, G.; GOOSELIN, A.; MOUCHON, J. (Org.). **Comunicación y política**. Barcelona: Gedisa, 1998.

WEBER, M. H. **Comunicação e espetáculo da política**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

VEIGA, L. **Em busca de razões para o voto**: o uso que o homem comum faz do horário eleitoral. 2001. Tese (Doutorado) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DISCIPLINA: Política piauiense		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: O Processo de Colonização do Território Piauiense e seu Impacto sobre a Estrutura Política. A Política Piauiense da Primeira República (1889) à Revolução de 1930. A Era das Interventorias na Política Piauiense. A Política Piauiense na Primeira Experiência Democrática Brasileira (1945-1964). O Período da Ditadura Militar e Suas Influências na Política Piauiense (1964-1985). Os Efeitos da Redemocratização (Pós-1985) no Contexto Político Piauiense: A Nova Dinâmica da Política Estadual.</p> <p>Bibliografia básica: ARRAES FILHO, M. R. Oligarquias e Elites Políticas no Piauí: 1982-1995. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1999.</p> <p>BONFIM, W. L. de S. Contra Todas as Possibilidades: O Primeiro Governo Petista do Nordeste. Mimeo, 2003.</p> <p>BRASILEIRO, A. M. O Município como Sistema Político. Rio de Janeiro: FGV, 1973.</p> <p>DAHL, R. Poliarquia. São Paulo: Edusp, 1997.</p> <p>DE DEUS, C. Concentração e Dispersão Eleitoral em Eleições Parlamentares: Um Estudo das Estratégias Eleitorais nos Pleitos de 1994 e 1998. Dissertação de Mestrado. IUPERJ, 1999.</p> <p>DE DEUS, C. O Novo Arranjo Federativo Brasileiro, O Regime Multipartidário e a Competição Política Municipal no Ceará e no Piauí em 1996, 2000 e 2004. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. IUPERJ, 2007.</p> <p>FERNANDES, A. S. A. Path Dependency e os Estudos Históricos Comparados. BIB, São Paulo, nº 53, 1º semestre de 2002, pp. 79-102.</p> <p>LEAL, V. N. Coronelismo, Enxada e Voto. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.</p> <p>MARTINS, A. de S. [Et. Al]. Piauí: Evolução, Realidade e Desenvolvimento. Teresina: Fundação CEPRO. 2ª Edição.</p> <p>MENDES, F. Economia e Desenvolvimento do Piauí. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.</p> <p>NASCIMENTO, F. A. A Revolução de 1930 no Piauí. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1994.</p> <p>QUEIROZ, M. I. P. O Mandonismo Local na Vida Política Brasileira e Outros Ensaio. São</p>		

Paulo: Alfa-Omega, 1976.

Bibliografia complementar:

NICOLAU, J. M. **Multipartidarismo e Democracia**: Um Estudo sobre o Sistema Partidário Brasileiro (1985-1994). Rio de Janeiro: FGV, 1996.

SOARES, G. A. D. **A Democracia Interrompida**. Rio de Janeiro. . FGV, 2001.

SANDES, V. **A lógica da formação de governos no estado do Piauí de 1987 a 2007**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

SANTANA, R. N. **Piauí: Formação, Desenvolvimento e Perspectivas**. Teresina: FUNDAPI, 1995.

SILVA, R. J. G. da. **Metamorfose das Oligarquias**: o caso do Piauí. Tese de Doutorado. USP, 1999.

DISCIPLINA: Marketing político		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Comunicação Política e Opinião Pública
<p>Ementa: O funcionamento da propaganda política no cenário da cultura contemporânea, apresentando suas raízes históricas no Brasil, possibilitando-lhe também uma visão sobre realidades regionais neste campo. Pretende oferecer algumas referências teóricas sobre o conceito das seguintes categorias: marketing político, propaganda ideológica, publicidade eleitoral e imagem pública.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>FIGUEIREDO, R. Marketing Político, Mitos e Verdades. Coleção Estudos da Fundação Konrad, nº 30, 1977.</p> <p>QUEIROZ, A. Marketing político brasileiro, ensino, pesquisa e mídia. INTERCOM/UNESCO, 2005.</p> <p>KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. Administração de Marketing. 12a Edição. São Paulo: Prentice Hall, 2006.</p> <p>ALMEIDA, Jorge. Marketing político, hegemonia e contra-hegemonia. Editora: Fundação Perseu Abramo e Editora Xamã, 2002.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>ALDÉ, Alessandra. A construção da política: cidadão comum, mídia e atitude política. Tese de doutorado, IUPERJ, 2001.</p> <p>GARCIA, N. J. O que é propaganda ideológica. Coleção Primeiros Passos, Brasiliense, 1988.</p> <p>MATTIELO, Camila Murari; RIBEIRO, Maria de Fátima dos Santos. A importância do marketing político e eleitoral no processo decisório do voto: análise das campanhas eleitorais dos deputados Sidney Beraldo e Simão Pedro. 2006. Disponível em: www.fae.br/memoria/index.html</p> <p>MALHOTRA, N. K. Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada. 3ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.</p> <p>MANHANELLI, Carlos Augusto. Estratégias Eleitorais: marketing político. São Paulo: Summus, 1988.</p>		

BEZERRA, Ada Kesea Guedes; SILVA, Fábio Ronaldo da. **O marketing político e a importância da imagem-marca em campanhas eleitorais majoritárias**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 17 de nov. 2011.

RICHES, R. **O que é marketing**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

DISCIPLINA: Políticas públicas		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Fundamentos teóricos de políticas públicas. Consolidação e mudanças atuais das políticas públicas. Processo de formulação, implementação e avaliação de políticas públicas e questões metodológicas. Incorporação de demandas públicas.</p> <p>Bibliografia básica: ARRETCHE, M. Dossiê agenda de pesquisa em políticas públicas. Revista Brasileira em Ciências Sociais, vol. 18, n. 51, São Paulo, 2003.</p> <p>FREY, K. Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. Planejamento e Políticas Públicas, Brasília, IPEA, n. 21, p. 212-258.</p> <p>DRAIBE, S. O Welfare State no Brasil: características e perspectivas. NEPP/Unicamp, Caderno n. 8, 1993.</p> <p>SILVA, P. L. B.; MELO, M. A. B. de. O processo de implementação de Políticas Públicas no Brasil: características e determinantes da avaliação de programa e projetos. NEPP/Unicamp, Caderno n. 48, 2000.</p> <p>SOUZA, C. Estado do campo da pesquisa em políticas públicas no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 18, n. 51, São Paulo, 2003.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>AVRITZER, L. Instituições Participativas e Desenho Institucional: algumas considerações sobre a variação da participação no Brasil democrático. <i>Opinião Pública</i>, Campinas, v. 14, n. 1, p. 43-64, 2008.</p> <p>BORGES, A. Federalismo, dinâmica eleitoral e políticas públicas no Brasil: uma tipologia e algumas hipóteses. <i>Sociologia</i>, Porto Alegre, ano 12, nº 24, p. 120-157, 2010.</p> <p>CAPELLA, A. C. N. Perspectivas Teóricas sobre o Processo de Formulação de Políticas Públicas. <i>BIB</i>, São Paulo, v. 1, nº 61, p. 25-52, 2006.</p> <p>ROTHSTEIN, B. Just institutions Matter: the moral and political logic of the universal welfare state. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.</p> <p>SOUZA, C. Governos locais e gestão de políticas sociais universais. São Paulo em Perspectiva, vol. 18, n. 2, 2004, p. 27-41.</p>		

DISCIPLINA: Desenho de pesquisa em Ciência Política		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: A Ciência na Ciência Política. Conceitos e Medidas. As Proposições que Orientam o Desenho de Pesquisa na Ciência Política: O Problema de Pesquisa, A Hipótese e as Evidências Empíricas. O Estudo de Caso e a Descrição. O Método Comparado. A Inferência Descrição e Causal. Os Métodos Quantitativos e Qualitativos na Ciência Política. A Pesquisa de Survey.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>BABBIE, E. Métodos de Pesquisa de Survey. Belo Horizonte: UFMG, 2003.</p> <p>BOBBIO, N. Teoria Geral da Política. Rio de Janeiro: Campus, 2000.</p> <p>KERLINGER, F. N. Metodologia da Pesquisa em Ciência Social. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 2007.</p> <p>REIS, F. W. O Tabela e a Lupa. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Nº 16. Ano 6. jul/1991.</p> <p>SOARES, G. A. D. O Calcanhar Metodológico da Ciência Política no Brasil. Sociologia, Problemas e Práticas, N. 48, 2005, p. 27-52.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>BRADY, H.; COLLIER, D. Rethinking Social Inquiry: Diverse Tools, Shared Standards, 2004.</p> <p>GERRING, J. Social Science Methodology: A Criterial Framework. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.</p> <p>GOERTZ, G. Social Science Concepts: A User's Guide. Princeton, Princeton University Press, 2005, p. 27-94.</p> <p>KEMAN, H. Et Alli. Doing Research in Political Science: An Introduction to Comparative Methods and Statistics. London: Sage Publications, 1999.</p> <p>KING, G; KEOHANE, R.; VERBA, S. Designing Social Inquiry: Scientific Inference in Qualitative Research. Princeton: Princeton University Press, 1994.</p> <p>SYMPOSIUM II. Conceptualizing Concepts. <i>Qualitative Methods</i>, v. 3, nº 2, 2005, p. 19-36.</p> <p>WEBER, M. Ciência e Política: Duas Vocações. São Paulo: Cultrix, 2007.</p>		

DISCIPLINA: Metodologia quantitativa		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Desenho de Pesquisa em Ciência Política
<p>Ementa: O Método Quantitativo na Pesquisa em Ciência Política. As Modalidades do Método Quantitativo. As Técnicas Utilizadas no Método Quantitativo. A Abordagem Comparada: Teoria e Método. A Estatística na Ciência Política: Conceitos, Casos, Dados e Mensuração. A Estatística Descritiva. Análise Multivariada e a Inferência Causal.</p> <p>Bibliografia básica: BABBIE, E. Métodos de Pesquisa de Survey. Belo Horizonte. UFMG, 2003.</p> <p>KERLINGER, F. N. Metodologia da Pesquisa em Ciência Social. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 2007.</p> <p>SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M.; COOK, S. T. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: EPU, 1987.</p> <p>TOLEDO, G. L. Estatística Básica. São Paulo. São Paulo: Atlas, 1995.</p> <p>Bibliografia complementar: GERRING, J. Social Science Methodology: A Criterial Framework. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.</p> <p>JANET M. BOX-STEFFENSMEIER, Et al. The Oxford Handbook of Political Methodology. Oxford Handbooks of Political Science, 2008.</p> <p>KEMAN, H. Et Alli. Doing Research in Political Science: An Introduction to Comparative Methods and Statistics. London: Sage Publications, 1999.</p> <p>KING, G.; KEOHANE, R.; VERBA, S. Designing Social Inquiry: Scientific Inference in Qualitative Research. Princeton, Princeton University Press, 1994.</p> <p>LANDMAN. T. Issues and Methods in Comparative Politics. London and New York: Routledge. Second Edition, 2003.</p>		

DISCIPLINA: Metodologia qualitativa		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Desenho de Pesquisa em Ciência Política
<p>Ementa: Enfoques epistemológicos e teóricos da pesquisa qualitativa. Diferentes estratégias de pesquisa qualitativa: etnografia, entrevista individual, grupo focal e análise documental. Análise e tratamento de informações em pesquisa qualitativa. O uso de softwares na pesquisa qualitativa. A combinação entre métodos qualitativos e quantitativos.</p> <p>Bibliografia básica: BABBIE, E. Métodos de Pesquisa de Survey. Belo Horizonte: UFMG, 2003.</p> <p>BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1988.</p> <p>BARDIN, Laurence. Análise do discurso. Lisboa: Edições 70, 1994.</p> <p>BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2002.</p> <p>BECKER, H. S. Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1999.</p> <p>BRANDÃO, C. R. (Org.). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1984.</p> <p>DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.</p> <p>DIAS, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. Informação e Sociedade, Estudos, v. 10, nº 2, 2000.</p> <p>FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2004.</p> <p>GIUMBELLI, E. Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskianas. Revista Brasileira de Ciências Sociais. 17(48), 2002, p. 91-107.</p> <p>FRANCO, K.L.P.B. Análise de conteúdo. Brasília: Plano, 2003.</p> <p>GEERTZ, C. O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2001.</p> <p>GEERTZ, C. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.</p> <p>GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2000.</p>		

GROSSI, M. P. (Org.). **Trabalho de campo e subjetividade**. Florianópolis: PPGAS, 1992.

HAGUETE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes/Unicamp, 1994.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, M. **Manual de etnografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

MINAYO, C. de S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

SILVA, R. C. da. A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: paradigmas que informam nossas práticas de pesquisa. In: G. Romanelli & Z, M. M. Biasoli-Alves (Eds.), **Diálogos metodológicos sobre práticas de pesquisa**. Ribeirão Preto, SP: Legis Summa, 1998.

Bibliografia complementar:

OLIVEIRA, R. C. O ofício do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. Brasília/São Paulo: Paralelo 15/ UNESP, 2000, p.17-35.

GEORGE, A.; BENNETT, A. **Case studies and theory development in the social sciences**. Cambridge: MIT Press, 2005.

POUPART, J; DESLAURIERS, et alii. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

PIERSON, P. **Politics in time**: history, institutions, and social analysis. Princeton: Princeton University Press, 2004.

RAGIN, C. **Fuzzy-set social science**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

DISCIPLINA: Planejamento e assessoria técnica		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Diferentes perspectivas teóricas do planejamento na sociedade industrial. A prática do planejamento no Brasil. O processo decisório na administração pública e privada. Burocracia especializada. Assessoria política. Administração e política. Análise de conjuntura política. Planejamento no âmbito nacional, regional e local. Avaliação de projetos de intervenção.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>BAPTISTA, M. V. Planejamento: introdução à metodologia de planejamento social. São Paulo: Moraes, 1981.</p> <p>BORDENAVE, J. D.; Carvalho, H. M. Comunicação e planejamento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.</p> <p>BRASIL. Programa de Aceleração do Crescimento, Brasília: Ministério do Planejamento, 2007.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>MENDES, F. Economia e desenvolvimento do Piauí. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2003.</p> <p>SANTANA, R. N. M. Evolução histórica da economia piauiense e outros estudos. Teresina: FUNDAPI, 2008.</p> <p>BRASIL. Plano Nacional de Logística e Transportes. Brasília: Ministério da Defesa, Ministério dos Transportes, 2007.</p> <p>LAFER, B. M. (Org.). Planejamento no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1975.</p> <p>MIGLIOLI, J. Introdução ao planejamento econômico. São Paulo: Brasiliense, 1983.</p>		

8.2 Disciplinas do Eixo de Formação Complementar

DISCIPLINA: Metodologia do Trabalho Científico		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Conhecimento científico. Métodos de pesquisa. Técnicas de leitura e de compreensão de documentos. Normas técnicas para a elaboração de trabalhos científicos. Estratégias para a sistematização do conhecimento: resumos, resenhas e fichamentos. Estratégias para a elaboração de seminários. Projeto de Pesquisa. Etapas da pesquisa científica. Elaboração de Monografia.</p> <p>Bibliografia básica: ECO, H. Como se Faz uma Tese. São Paulo: Perspectiva, 1995.</p> <p>DEMO, P. Metodologia científica em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 1995.</p> <p>LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2005.</p> <p>MEDEIROS, J. B. Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 1991.</p> <p>SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho científico. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.</p> <p>Bibliografia complementar: SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M.; COOK, S. T. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: EPU, 1987.</p> <p>GIL, Antonio C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1996.</p> <p>CERVO, Amado L.; BERVIAN, P. A. Metodologia científica. 5ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2006.</p> <p>KÖCHE, José C. Fundamentos de metodologia científica. Petrópolis: Vozes, 1997.</p> <p>GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Edição 10. ed. Rio de Janeiro : Record, 2007.</p>		

DISCIPLINA: Iniciação à Sociologia		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Antecedentes da Sociologia. O objeto da Sociologia como ciência. A identidade da ciência sociológica através de seus conceitos básicos, como sociedade, grupo social, categoria social, classe social, mobilidade social, estratificação social, mudança social, movimentos sociais, ação social e interação, função e integração, conflito, individualismo, Campos e divisões acadêmicas da Sociologia. Métodos e técnicas. Principais temáticas.</p> <p>Bibliografia básica: ARON, R. As etapas do pensamento sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2001. BERGER, P. L. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 1986. BOURDIEU, P (Org.). A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 1998. FERREIRA, L. C. A Sociologia no horizonte do século XIX. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997. FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. de S. (Org.). Sociologia e sociedade: leituras de introdução à Sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 2008. GIDDENS, A. Sociologia. São Paulo: Artmed, 2005.</p> <p>Bibliografia complementar: BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. GIDDENS, A. A constituição da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2003. BAUMAN, Z. & MAY, T. Aprendendo a pensar com a sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. KALBERG, Stephen. Max Weber: uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. SIMMEL, Georg. Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Nº 34. São Paulo: Ática, 1983. _____. Questões fundamentais da sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.</p>		

DISCIPLINA: Filosofia da ciência		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Epistemologia, filosofia das ciências e filosofia das ciências sociais. Abordagens filosóficas das ciências humanas: positivismo, neopositivismo, dialética, funcionalismo, estruturalismo, hermenêutica e pragmatismo.</p> <p>Bibliografia básica: ARAÚJO, I. L. Iniciação à filosofia das ciências. Curitiba: EdUFPR, 1998.</p> <p>BOMBASSARO, C. C. Ciências e mudança conceitual: notas sobre epistemologia e história das ciências. Porto Alegre: EdPUCRS, 1995.</p> <p>GRODIN, J. Introdução à hermenêutica filosófica. São Leopoldo: Unisinos, 1999.</p> <p>POPPER, K. Lógica das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.</p> <p>KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo: Perspectiva, 1990.</p> <p>Bibliografia complementar: FOUCAULT, M. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. São Paulo: Forense Universitária, 2002.</p> <p>_____. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1992.</p> <p>BRITO, E.; CHANG, L. (Org.) Filosofia e método. São Paulo: Loyola, 2002.</p> <p>POINCARÉ, H. O Valor da Ciência. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995</p> <p>HORKHEIMER, M. Eclipse da Razão. Rio de Janeiro: Labor, 1976.</p>		

DISCIPLINA: Antropologia política		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Estudo das formas de organização política em sociedades sem Estado centralizado, com proto-Estado e com Estado. Chefias e lideranças. Poder e autoridade. As interrelações entre o político, o social, o econômico e o religioso. Processos de formação dos sistemas políticos. Formas rituais de poder. Antropologia política das sociedades contemporâneas. Culturas políticas e sociabilidade.</p> <p>Bibliografia básica: BALANDIER, G. Construção da Antropologia Política. In: Antropologia Política. São Paulo: DIFEL/EDUSP, 1969, p. 7-23.</p> <p>BARNES, J. A. Redes Sociais e Processo Político. In: FELDMAN-BIANCO, B. (org.). Antropologia das sociedades Contemporâneas. São Paulo: Global, 1987, p. 159-193.</p> <p>BARREIRA, I. Chuva de papéis. Ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998, p. 15-46.</p> <p>BEZERRA, M. O. Políticos, Representação Política e Recursos Públicos. In: Horizontes Antropológicos, 7, 15, p. 181-207.</p> <p>BHABHA, H. O Local da Cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.</p> <p>BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Lisboa: DIFEL, 1989.</p> <p>CHAMPAGNE, P. Formar a Opinião. O novo jogo político. Petrópolis: Voezes, 1998.</p> <p>CLASTRES, P. Sociedade contra o Estado. Rio de Janeiro: Francisco Alves.</p> <p>_____. Arqueologia da Violência: a guerra nas sociedades primitivas. In: CLASTRES, P. et alii. Guerra, Religião, Poder. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 9-47.</p> <p>COHEN, A. Antropologia Política: el analisis del simbolismo en las relaciones de poder. In: LLOBERA, J. R. (org). Antropologia Política. Barcelona: Anagrama, 1979, p. 55-82.</p> <p>CORADINI, O. L. O Referencial Teórico de Bourdieu e as Condições para a sua Aprendizagem e Utilização. In: Veritas, 41, 162, 1996, p. 207-220.</p> <p>DIGGINS, J. P. Max Weber. A política e o espírito da tragédia. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1999.</p> <p>ELIAS, N. A sociedade de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.</p>		

_____. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GENTILI, A. M. Antropologia Política. In: BOBBIO, N & MATEUCCI, N; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Brasília: EdUnB, 1992, p. 45-49.

LEACH, E. R. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia**. São Paulo: EDUSP, 1996.

OLIVEIRA FILHO, J. P. de. Antropologia Política. In: SILVA, B. (org.). **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: FGV, 1987, p. 64-67.

PALMEIRA, M.; GOLDMAN, M. **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1996, p. 73-84.

PALMEIRA, M.; HEREDIA, B. Os comícios e a política de facções. In: **Anuário Antropológico**, 94, p. 31-94.

Bibliografia complementar:

SMITH, M.G. Political Anthropology - Political Organization. In: SILLS, D. L. (org.). **International encyclopedia of the Social Sciences**. New York/London: Collier/MacMillan, 1972, p. 193-202.

TURNER, V. **The anthropology of performance**. New York: PAJ Publications, 1987.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Brasília: UnB, 1999.

PEIRANO, M. **Três ensaios breves**. Brasília: UnB, série antropologia, 230, p. 17-29.

PINTO, C. R. J. O poder político na teoria dos campos. In: **Veritas**, 41, 162, 1996, 221-227.

DISCIPLINA: Inglês instrumental		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Noções básicas de Inglês. Funções lingüísticas dos textos. Tempos verbais. Estratégias de leitura: <i>skimming</i> e <i>scanning</i>. Compreensão geral e específica de textos em língua inglesa.</p> <p>Bibliografia básica: ALLIANDRO, H. Dicionário escolar inglês-português. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1995.</p> <p>OUZA, M. do S. E. de. SOUSA, C. N. N. de. GONÇALVES, L. R. L. R. et alli. 2002. Inglês Instrumental: Estratégias de Leitura. Teresina. Halley.</p> <p>PINTO, D. et al. Compreensão inteligente de textos: grasping the meaning. v. 1 e 2. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1991.</p> <p>Bibliografia complementar: SILVA, J. A. de C.; GARRIDO, M. L.; BARRETO, T. P. Inglês Instrumental: leitura e compreensão de Textos. Salvador: Centro Editorial e Didático, UFBA, 1994.</p> <p>CAMBRIDGE. International Dictionary of English. Londres: Cambridge University Press, 1996.</p> <p>MURPHY, Raymond. English Grammar in Use. Cambridge University Press, 2004.</p> <p>OXENDEN, Clive; LATHAM-KOENIG, C.; SELIGSON P. New English File Elementary. Oxford: University Press, 2004.</p> <p>SWAN, Michael. Practical English Usage. Oxford: University Press, 1995</p>		

DISCIPLINA: História do Brasil		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa:</p> <p>Descobrimento e Brasil Colônia. Sociedade e Economia colonial. Brasil Império. Implantação e consolidação da República. Estrutura de poder e instituições no período republicano. Pacto federativo republicano: autonomia e interdependência. Proprietários rurais e Coronelismo. Política dos Governadores. Política do "café-com-leite". Forças armadas e República. Formação do Estado Nacional. Revolução de 1930. Período getulista. Estado Novo. Primeiro período democrático brasileiro (1945-1964). Regime Militar. Transição e processo redemocratização nacional. História Política contemporânea.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>ARIAS NETO, J. M. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização. In FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. N. (Orgs.). O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Pp. 191-229.</p> <p>BATALHA, C. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. N. (Orgs.). O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Pp. 161-189.</p> <p>FAUSTO, B. A revolução de 1930: historiografia e história. São Paulo: Brasiliense, 1983.</p> <p>GOMES, Â. de C. O 15 de novembro. In: GOMES, Â. de C. (Org.). A república no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FGV/CPDOC, 2002. Pp. 13-30.</p> <p>GOMES, Â. de C. Venturas e desventuras de uma república de cidadãos. In: ABREU, M.; SOIHET, R. (Orgs.). Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. Pp. 152-167.</p> <p>GOMES, Â. de C. História e historiografia de A revolução de 1930. In GOMES, Â. de C. (Org.). Leituras críticas sobre Boris Fausto. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 13-48.</p> <p>JANOTTI, M. de L. M. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República. In: FREITAS, M. C. de (Org.). Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2003. p. 119-143.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>SILVA, L. O. A apropriação territorial na Primeira República. In: SILVA, S. (Org.). História econômica da Primeira República. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 157-169.</p>		

VIANNA, L. W. O Estado Novo e a "ampliação" autoritária da república. In: CARVALHO, M. A. R. de (Org.). **República no Catete**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2001, p. 111-153.

WISSENBACH, M. C. C. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 3. p. 49-130.

LAMOUNIER, B. Vítor Nunes Leal: Coronelismo, enxada e voto. In: MOTA, L. D. (Org.). **Introdução ao Brasil**: um banquete no trópico. São Paulo: SENAC, 1999. p. 272-292.

RESENDE, M. E. L. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O tempo do liberalismo excludente**: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 89-120.

DISCIPLINA: Introdução à Economia		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa:</p> <p>Conceito e objeto da Economia. Ciência Econômica e suas origens. História do pensamento econômico e teoria econômica. O mecanismo de tomada de decisão. Escassez, acumulação de capital e política econômica. Flutuações e crises. Produção, crescimento e desenvolvimento econômico. Índices econômicos. Noções de análise microeconômica e macroeconômica. Elementos do funcionamento do mercado: análise da demanda e da oferta.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>VASCONCELLOS, M. S. Economia, Micro e Macro. São Paulo: Atlas, 2002.</p> <p>COUTINHO, M. C. Lições de economia política clássica. São Paulo: Hucitec, Unicamp, 1993.</p> <p>ROSSETTI, J. P. Introdução à economia. São Paulo: Atlas, 1988.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>SINGER, P. Aprender economia. São Paulo: Brasiliense, 1984.</p> <p>_____. O capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica. São Paulo: Moderna, 1996.</p> <p>GUIMARÃES, E. A. A.; TOLIPAN, R. O curso de Economia e a crise da teoria econômica. ANGE, Cadernos de orientação acadêmica, n.1, 1986.</p> <p>MARX, K. Para a crítica da economia política. In MARX, K. Para a crítica da economia política; Salário preço e lucro; O rendimento e suas fontes. São Paulo: Abril Cultural, 1982.</p> <p>VASCONCELLOS, M. S.; BENEVIDES, D. (Orgs.). Manual de Economia dos Professores. São Paulo: Saraiva, 2003.</p>		

DISCIPLINA: Direito Constitucional		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Conceito e objeto do Direito Constitucional. Constituição: conceito, objeto, evolução. Controle de Constitucionalidade. Direitos Fundamentais na CF/88: direitos individuais, direitos sociais, direitos políticos. Organização do Estado: características do Estado Federal. A federação brasileira. Repartição das competências entre União, Estados-membros e Municípios. Organização dos Poderes: Poder Legislativo, Poder Executivo, Poder Judiciário e Funções essenciais à Justiça.</p> <p>Bibliografia básica: BASTOS, C. R. Curso de direito constitucional. São Paulo: Saraiva, 1999.</p> <p>BONAVIDES, P. Direito constitucional. Rio de Janeiro: Forense, 2010.</p> <p>BRANCO, P. G.G.; MENDES, G. F.; COELHO, I. M. Curso de Direito Constitucional. São Paulo: Saraiva, 2009.</p> <p>CARVALHO, K. G. Direito constitucional didático. Belo Horizonte: Del Rey, 2009.</p> <p>CRETELLA Jr., J. Elementos de direito constitucional. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000.</p> <p>CANOTILHO, J. J. G. Direito Constitucional e Teoria da Constituição. Coimbra: Almedina, 2006.</p> <p>Bibliografia complementar: FERREIRA, P. Manual de direito constitucional. Rio de Janeiro: Forense, 1990.</p> <p>SILVA, J. A. da. Curso de Direito Constitucional Positivo. São Paulo: Malheiros, 2010.</p> <p>CARVALHO, K. G. Direito Constitucional. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.</p> <p>COSTA, N. N.; ALVES, G. M. Constituição Federal Anotada e Explicada. São Paulo: Forense, 2006.</p> <p>FERREIRA FILHO, M. G. Curso de Direito Constitucional. São Paulo: Saraiva, 2006.</p> <p>MORAES, Alexandre de. Constituição do Brasil interpretada e legislação constitucional. 5. ed. São Paulo : Atlas, 2006.</p> <p>_____. Direito constitucional. 17. ed. São Paulo : Atlas, 2005.</p>		

DISCIPLINA: Fundamentos de lógica matemática		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Raciocínio lógico. Números. Teoria dos conjuntos. Relações. Noções de quantificação e demonstração. Funções. Noções de Derivadas e Integrais. Aplicações.</p> <p>Bibliografia básica: CASTRUCCI, B. Introdução à Lógica Matemática. Rio de Janeiro: Nobel, 1984.</p> <p>HEGENBERG, Leônidas. Lógica simbólica. São Paulo: Herder, 1966.</p> <p>NOLT, J, ROHATYN, D. Lógica. São Paulo: McGraw-Hill, 1991.</p> <p>Bibliografia complementar: WONNACOTT, T. H.; WONNACOTT, R. J. Introdução à Estatística. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.</p> <p>ALENCAR FILHO, E. Iniciação à Lógica matemática. São Paulo: Nobel, 2002.</p> <p>HEGENBERG, L. Lógica: cálculo sentencial. 2 ed. São Paulo: Herder/EDUSP, 1977.</p> <p>ALENCAR FILHO, E. Iniciação à Lógica matemática. São Paulo: Nobel, 2002.</p> <p>DIAS, C. M. C. Problemas e exercícios de lógica matemática. Curitiba: C. M. C. Dias, 2003.</p> <p>MENDELSON, E. Introduction to mathematical logic. 5 ed. Pacific Grove, Ca.: Wadsworth & Brooks, 2010.</p>		

DISCIPLINA: Estatística I		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Fundamentos da Lógica Matemática
<p>Ementa: Conceitos básicos da Estatística. Escalas de Mensuração. Estatística Descritiva: frequências; medidas de tendência central e medidas de dispersão. Média, Mediana, Moda e Variância. Teoria da Probabilidade. Espaço Amostral e Eventos Probabilísticos. A Matemática da Probabilidade. Características das Distribuições de Probabilidade. Independência. Distribuições discretas. Distribuições Contínuas. Distribuições Bi-variadas. Distribuição Normal. Amostragem. Teorema do Limite Central.</p> <p>Bibliografia básica: COSTA, S. F. Introdução Ilustrada à Estatística. São Paulo: Harbra, 1998.</p> <p>LEVIN, J. Estatística Aplicada às Ciências Humanas. São Paulo: Harbra, 1987.</p> <p>WONNACOTT, T. H.; WONNACOTT, R. J. Introdução à Estatística. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.</p> <p>Bibliografia complementar: KAZMIER, I. J. Estatística Aplicada à Economia e Administração. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.</p> <p>FIELD, A. Descobrimos a Estatística Usando SPSS. São Paulo: Bookman/Artmed, 2009.</p> <p>LEVINE, M.; DAVID, B.; MARK L., STEPHAN, D. Estatística: Teoria e Aplicações. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2000.</p> <p>MAGALHÃES, M. N.; LIMA, A. C. P. Noções de Probabilidade e Estatística. São Paulo: Edusp, 2002.</p> <p>FREUD J.E., SIMON G. A. Estatística Aplicada. São Paulo: Ed. Bookman, 1999.</p>		

DISCIPLINA: Estatística II		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Estatística I
<p>Ementa: Teoria da Decisão Estatística. Testes de Hipóteses. Intervalos de Confiança. Análise da Variância. Regressão Linear e Múltipla e correlação. Análise de dados estatísticos.</p> <p>Bibliografia básica: COSTA, S. F. Introdução Ilustrada à Estatística. São Paulo: Harbra, 1998</p> <p>LEVIN, J. Estatística Aplicada às Ciências Humanas. São Paulo: Harbra, 1987.</p> <p>WONNACOTT, T. H.; WONNACOTT, R. J. Introdução à Estatística. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.</p> <p>Bibliografia complementar: KAZMIER, I. J. Estatística Aplicada à Economia e Administração. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.</p> <p>MARTINS, G. A. Estatística Geral e Aplicada. São Paulo: Ed. Atlas, 2001.</p> <p>COSTA NETO, P.L. De O. Estatística. São Paulo: Ed. Edgard Blücher Ltda, 1980.</p> <p>DOWNING, D. Estatística Aplicada. São Paulo: Saraiva, 1998.</p> <p>MIRSHAWKA, V. Estatística para Engenharia. São Paulo: Ed. Nobel S/A, 1981.</p> <p>SOARES, J. F., FARIAS, A. A. Introdução à Estatística. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1995.</p>		

DISCIPLINA: Legislação eleitoral		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Organização da Justiça Eleitoral: TSE, TRE, Juiz Eleitoral, Ministério Público Eleitoral. Partidos Políticos. Lei das Eleições. Lei n.º 9.504/97. Alistamento eleitoral. Registro de Candidatos. Inelegibilidade. Propaganda Eleitoral. Medidas Preliminares à Votação e à Apuração. Votação. Apuração. Diplomação. Recursos Eleitorais. Ação de impugnação e Mandato eletivo. Crimes eleitorais.</p> <p>Bibliografia básica: BONFIM, E. M.; SPITZCOVSKY, C.; MORAES, F. N. S. de. Direito Eleitoral. São Paulo: Saraiva, 2009.</p> <p>COSTA, A. S. da. Instituições de Direito Eleitoral. Belo Horizonte: Del Rey, 2000.</p> <p>GOMES, J. J. Direito Eleitoral. Belo Horizonte: Del Rey, 2010.</p> <p>JARDIM, T. Introdução ao Direito Eleitoral Positivo. Brasília: Brasília Jurídica, 1994.</p> <p>VELLOSO, C. M. da S.; AGRA, W. de M. Elementos de Direito Eleitoral. São Paulo: Saraiva, 2009.</p> <p>Bibliografia complementar: NIESS, P. H. T. Direitos Políticos: Condições de elegibilidade e inelegibilidades. São Paulo: Saraiva, 1994.</p> <p>RAMAYANA, M. Direito eleitoral. Rio de Janeiro: Impetus, 2012.</p> <p>STOCO, Rui; STOCO, Leandro de Oliveira. Legislação eleitoral interpretada: doutrina e jurisprudência. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.</p> <p>CÂNDIDO, J. J. Direito eleitoral brasileiro: justiça eleitoral: registro de candidatos: propaganda política.... Bauru: Edipro, 2005.</p> <p>CONEGLIAN, O. Propaganda eleitoral: de acordo com o código eleitoral e com a Lei 9.100/95. Curitiba: Juruá, 1996.</p> <p>CERQUEIRA, T. T.; CERQUEIRA, C. A. Direito eleitoral esquematizado. São Paulo: Saraiva, 2011.</p> <p>COSTA, Tito. Recursos em matéria eleitoral. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004.</p> <p>JARDIM, T. Direito eleitoral positivo. Brasília: Brasília Jurídica, 1998.</p>		

DISCIPLINA: Gestão pública		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Políticas Públicas
<p>Ementa: Estado, Governo e Administração Pública. Principais modelos de administração pública: patrimonialista, burocrático e gerencial. Papel e funções Econômicas do Estado. Políticas Públicas e Políticas Econômicas. Economia do Setor Público. Origem dos Recursos do Estado. Receita governamental. Orçamento Público. Reforma e Modernização da Gestão Pública. Novas Formas de Gestão Pública.</p> <p>Bibliografia básica: ABRUCIO, F. L. O impacto do modelo gerencial na administração pública: Um breve estudo sobre a experiência internacional recente. Brasília: MARE/ENAP, 1997. 52p.</p> <p>BRAGA, G. Conflitos, Eficiência e Democracia na Gestão Pública. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.</p> <p>BRESSER PEREIRA, L. C. Administração pública gerencial: estratégia e estrutura para um novo Estado. Brasília: MARE/ENAP, 1996.</p> <p>_____. Desenvolvimento e crise no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1979.</p> <p>BRESSER PEREIRA, L. C.; SPINK, P. K. Reforma do Estado e administração pública gerencial. Rio de Janeiro: FGV, 2001.</p> <p>CHIAVENATO, I. Introdução à teoria geral da administração. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.</p> <p>JANNUZZI, P. de M. Indicadores Sociais no Brasil: conceitos, fontes de dados e aplicações. Campinas/São Paulo: Alínea, 2001.</p> <p>MELO, M. A. B.; SILVA, P. L. B. O processo de implementação de Política Públicas no Brasil: características e determinantes da avaliação de programas e projetos. Campinas: Unicamp, Núcleo de Estudos de Políticas Públicas NEEP, Caderno n. 48, 2000.</p> <p>Bibliografia complementar: NOGUEIRA, M. A. Um Estado para a Sociedade Civil: temas éticos e políticos da gestão democrática. São Paulo: Cortêz, 2004.</p> <p>SOBRINHO, J. D.; BALZAN, N. C. Avaliação institucional: teoria e experiências. São Paulo: Cortez, 2000.</p> <p>ARRETCHE, M. Estado federativo e políticas Sociais. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo:</p>		

Fapesp, 3ª edição, 2011.

LIMA JR, O. B. As reformas administrativas no Brasil: modelos, sucessos e fracassos. **Revista do Serviço Público**, v. 49, n 2, 1998

MARTINS, H. F. Burocracia e a revolução gerencial – a persistência da dicotomia entre política e administração. **Revista do Serviço Público**, v. 48, n. 1, 1997

PROCOPIUK, M. **Políticas Públicas e fundamentos da Administração Pública**, São Paulo: Atlas, 2013

TEIXEIRA, M. A. C. **Estado, Governo e administração pública**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2012 (série gestão pública)

TORRES, M. D. F. **Estado, Democracia e administração pública no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004

TORRES, M. D. F. **Fundamentos de Administração Pública Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2012

ABRUCIO, F. L.; PEDROTI, P.; PÓ, M. V. A formação da burocracia brasileira: a trajetória e o significado das reformas administrativas. In: LOUREIRO, M. R; ABRUCIO, F. L.; PACHECHO, R. S. (orgs) **Burocracia e Política no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV. 2010.

NUNES, Edson. **A gramática política do Brasil: clientelismo e insulamento burocrático**. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 1997.

GIACOMONI, J.; PAGNUSSAT, J. L. **Planejamento e orçamento governamental**. Volume 1. Brasília, ENAP. 2007.

DISCIPLINA: Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
Ementa: Noções básicas de LIBRAS visando estabelecer um processo de comunicação funcional entre ouvintes e surdos. Noções lingüísticas de libras. Sistema de transcrição. Tipos de frases em libras. Técnicas de tradução da libras/português. Técnicas de tradução de português/libras. Bibliografia básica: BRITO, L. F. Por uma gramática de línguas de sinais . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. COUTINHO, D. LIBRAS e Língua Portuguesa: Semelhanças e diferenças . João Pessoa:		

Arpoador, 2000

FELIPE, T. A. **Obra:** Libras em contexto. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

Bibliografia complementar:

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DO BRASIL. **Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005.** Brasília: MEC, 2005.

QUADROS, R. M. **Língua de sinais brasileira:** estudos lingüísticos Porto Alegre: Artmed, 2004

SACKS, O. **Vendo Vozes:** uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

SKLIAR, C. **A Surdez:** um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LABORIT, E. **O Vôo da Gaivota.** Paris: Copyright, 1994.

DISCIPLINA: Política e Meio Ambiente		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: O papel do Estado frente à questão ambiental. Crescimento econômico e preservação ambiental. Desenvolvimento sustentável e teoria econômico-política. Política ambiental e questões éticas relacionadas ao meio ambiente. Políticas públicas e políticas ambientais. Instituições e defesa do meio ambiente.</p> <p>Bibliografia básica: ALONSO, A. E COSTA, V. Ciências sociais e meio ambiente no Brasil: um balanço bibliográfico. BIB. Nº 53, 1º semestre 2002, p. 35-78.</p> <p>ALVES, A. C. Análise ambiental do ponto de vista jurídico. in TAUKE, S. M. (org.) Análise ambiental: uma visão interdisciplinar. São Paulo: Unesp, 1991, p. 45-64.</p> <p>BURSZEYN, M. (org.) Para pensar o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Brasiliense/IBAMA/ENAP, 1993.</p> <p>DRUMMOND, J. A. A legislação ambiental brasileira de 1934 a 1988: comentários de um cientista ambiental favorável ao conservacionismo, Ambiente & Sociedade. v. 2, n. 3-4, 1999, p. 127-149.</p> <p>FOLADORI, G. Limites do desenvolvimento sustentável. Campinas: UNICAMP/Imprensa Oficial, 2001.</p> <p>GUIMARÃES, R. La sostenibilidad del desarrollo entre Rio-92 y Johannesburgo 2002: eramos felices y no sabíamos, Ambiente & Sociedade. v. IV. Nº 9, 2º semestre 2001, p. 5-24.</p> <p>GUIMARÃES, P. C. V., MACDOWELL, S. F. e DEMAJOROVIC, J. Fiscalização em meio ambiente no Estado de São Paulo, Cadernos FUNDAP. Nº 20, maio/agosto, 1996, p. 59-75.</p> <p>LIMA, HOGAN, D. J.; VIEIRA, P. F. (Orgs.) Dilemas sócio-ambientais e desenvolvimento sustentável. Campinas: UNICAMP, 1992.</p> <p>NOBRE, M.; AMAZONAS, M. (Orgs.). Desenvolvimento sustentável: a institucionalização de um conceito. Brasília: IBAMA, 2002.</p> <p>PACHECO, R. S. et alii. Atores e conflitos em questões ambientais urbanas, Espaço & Debates, n. 35, 1992, p. 46-51.</p> <p>TAUKE, S. M. (Org.) Análise ambiental: uma visão interdisciplinar. São Paulo: Unesp, 1991, p. 45-64.</p>		

VARGAS, M. C. O gerenciamento integrado dos recursos hídricos como problema sócio-ambiental, **Ambiente & Sociedade**. Ano II. n. 5, 2º semestre de 1999, p. 109-134.

VIGEVANI, T. Meio ambiente e relações internacionais, **Ambiente & Sociedade**. v. 1. n. 1. 1997, p. 27-61.

ZIEBIGNIEW Brzezinski. **La Era Tecnotronica**. Madrid: Paidós, 1970.

TOCQUEVILLE, Alexis. **A Democracia na América**. "O que faz o Espírito dos Povos Democráticos inclinar-se para o Panteísmo". [Vol.II; Cap.VII.]. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PEPPER, David. **Eco-socialism. From Deep Ecology to Social Justice**. Routledge : London. New York.

BERNARDIN, Pascal. **L'Empire Écologique ou La Subversion de l'écologie par lemondialism**. Paris : Notre-Dame des Grâces, 1998.

BERNARDIN, Pascal. **Maquiavel Pedagogo ou o Ministério da Reforma Psicológica**. São Paulo :Ecclesiae, 2013.

COLLINS, Phillip Darrel; COLLINS, Paul David. **The Ascendancy of the Scientific Dictatorship: An Examination of Epistemic Autocracy, From the 19th to the 21st Century**. New York. Lincoln. Shangai: iUniverse, Inc., 2004.

Bibliografia complementar:

SANTOS JUNIOR, R. B. dos. Relazioni internazionali e ambiente: contrasti e negoziati tra crescita economia e sviluppo sostenibile. In: VECCHIO, A. Del.; JÚNIOR, A. Dal Ri. **Il Diritto Internazionale dell'ambiente dopo Il vértice di johannensburg**. Napoli: Editoriale Scientifica, 2005.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **A Ecologia Política das Grandes ONGs Transnacionais Conservacionistas**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2008.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec, 2001.

LAROUCHE, L. **A Máfia Verde – O Ambientalismo a Serviço do Governo Mundial**. São Paulo: Capax Dei Editora, 2008.

_____. **A Máfia Verde 2 – Ambientalismo - Novo Colonialismo**. São Paulo: Capax Dei Editora, 2010.

DEWAR, E. **Uma Demão de Verde: Os Laços entre grupos ambientais, governos e grandes negócios**. São Paulo: Capax Dei, 2007.

LINO, G. L. **A fraude do aquecimento global: como um fenômeno natural foi convertido numa falsa emergência mundial.** São Paulo: Capax Dei, 2009.

COLBY, G.; DENNETT, C. **Seja Feita a Vossa Vontade. A Conquista da Amazônia: Nelson Rockefeller e o Evangelismo na Idade do Petróleo.** Rio de Janeiro: Record, 1998.

DISCIPLINA: Ética e Política		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa:</p> <p>Conceito e significação da ética. História das idéias sobre ética e justiça. Ética e política. Ética de convicção e ética da responsabilidade. Moral como objeto da ética. Ética e moralidade institucional. Ética e sociedade. Ética e Constituição. Ética Profissional. Ética e carreira política. Ética, corrupção e <i>accountability</i> nos sistemas políticos em perspectiva comparada.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>ARENDT, H. A condição humana. São Paulo, Forense Universitária, 1993.</p> <p>ARISTÓTELES. Ética a Nicômano. São Paulo: Nova Cultural, 1987.</p> <p>AZEVEDO, L; REIS, A. Roteiro da Impunidade. Uma Radiografia dos Sistemas de Corrupção, s/l [São Paulo], Scritta Editorial, 1994.</p> <p>BEZERRA, M. O. Corrupção. Um estudo sobre poder público e relações pessoais no Brasil, Rio de Janeiro: Relume Dumará 1995.</p> <p>MAQUIAVEL, N. O príncipe. São Paulo: Nova Cultural, 1987.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>BOBBIO, N. A Era dos Direitos. São Paulo: Campus, 1992.</p> <p>ROSSEAU, J. J. Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens. São Paulo: Ática, 1989.</p> <p>OLIVEIRA, M. A. Ética e Sociabilidade (Aristóteles, Hobbes, Locke, Kant, Hegel e Marx). São Paulo: Edições Loyola, 1993.</p> <p>PLATÃO. A República. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.</p> <p>WEBER, M. Ciência e Política: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1972.</p>		

8.3 Disciplinas Optativas

DISCIPLINA: Elaboração de projeto e de artigos científicos		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Desenho de Pesquisa em Ciência Política
<p>Ementa:</p> <p>Técnicas para a elaboração de projetos de pesquisa acadêmica e projetos de intervenção. Discussão metodológica sobre desenhos de pesquisa. Tipos de pesquisa. Estrutura do trabalho científico. Questões básicas relativas ao projeto: objeto, problema, referencial teórico e metodologia. Relatório de pesquisa. Produção de artigos científicos. Redação científica.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>ECO, H. Como se Faz uma Tese. 12ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.</p> <p>SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M.; COOK, S. T. Métodos de pesquisa nas relações sociais. 11ª reimpressão. São Paulo: EPU, 1987.</p> <p>AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). Manual de publicação da APA. São Paulo: Penso, 2012.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho científico. 18ª ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.</p> <p>CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto. São Paulo: Penso, 2010.</p> <p>FLICK, U. Desenho de pesquisa qualitativa. São Paulo: Ed. Penso, 2009.</p> <p>KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P. P.; HOHENDORFF, J. V. Manual de produção científica. São Paulo: Penso, 2010</p> <p>PRZERWORSKI, A.; SALOMON, F. The art of writing proposal: some candid suggestion for applicants to social science research council competition. Social Science Research Council, New York, p. 1-8, 1998.</p>		

DISCIPLINA: Psicologia Política		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Objeto de estudo e métodos da Psicologia Política. Psicologia Social e Ciência Política. Socialização política. Comportamento Eleitoral: modelos sociológicos, psicológicos e psicossociológicos. Atitudes políticas e poder político. Ação individual e ação coletiva. Teorias sobre ações coletivas e movimentos sociais na perspectiva da Psicologia Política. Psicossociologia do controle social.</p> <p>Bibliografia básica: AZEVEDO, M.A.; Menin, M. S. D. Psicologia e Política: reflexões sobre possibilidades e dificuldades deste encontro. São Paulo: Cortez, 1995.</p> <p>BOTTOMORE, T. Sociologia Política. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.</p> <p>CAMINO, L., SANDOVAL, S.; LLUHLIER, L. (Orgs.). Estudos Sobre Comportamento Político. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.</p> <p>D'ADAMO, O., et alii. Psicologia Social-Política. Buenos Aires: Paidós, 1998.</p> <p>SABUCEDO, J. M.C. Psicologia Política. Madri: Síntesis, 1996</p> <p>Bibliografia complementar: Elster, J. Political Psychology. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.</p> <p>Sartori, G. A Política. Brasília: UnB, 1997.</p> <p>SILVA, A. S. da. Consciência e Participação Política: uma abordagem psicopolítica. Interações. São Paulo: UNIMARCO, 2001.</p> <p>BERNARDIN, P. Maquiavel Pedagogo ou o Ministério da Reforma Psicológica. São Paulo: Ecclesiae, 2013.</p> <p>LOBACZEWSKI, A. Ponerologia: Psicopatas no Poder. São Paulo: Vide Editorial, 2014.</p> <p>ADORNO, T. W., Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D.J., Sanford, R. N. The Authoritarian Personality. Norton: NY, 1950.</p> <p>CANETTI, E. Massa e poder. São Paulo: Cia das Letras, 1995.</p>		

DISCIPLINA: Federalismo e representação política		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Teoria Política II (Clássica)
<p>Ementa: O Significado e a Características do Federalismo na História Política do Brasil. A Conformação do Federalismo Político Brasileiro após a Constituinte de 1988. A Lógica da Representação Política dos Estados Brasileiros no Legislativo Federal (Câmara Federal e Senado Federal). Os Impactos da Sobre-Representação e Sub-Representação dos Estados na Produção de Políticas Públicas. O Federalismo, O Desenho Institucional e as Instituições Federativas no Brasil.</p> <p>Bibliografia básica: ABRUCIO, F. L. Os Barões da Federação: os governadores redemocratização brasileira. São Paulo: Hucitec/USP, 1998.</p> <p>_____; SAMUELS, D. A “nova” política dos governadores. Política Subnacional e Transição Democrática no Brasil. Lua Nova, n. 40-41. São Paulo: Cedec, 1997.</p> <p>ALENCAR, J. de. O sistema representativo. Rio de Janeiro: Garnier Editores, 1868.</p> <p>ARRETCHE, M. Federalismo e democracia no Brasil: a visão da ciência política norte-americana. São Paulo em Perspectiva, vol.15 (47). São Paulo: Fundação Seade, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n4/10369.pdf.</p> <p>AVRITZER, L.; ANASTASIA, F. (Orgs.). Reforma política no Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2006.</p> <p>CHEIBUB, J. A.; FIGUEIREDO, A.; LIMONGI, F. Quem Manda em Quem na Esfera Federal? Inteligência, Ano V, n. 21, 2003.</p> <p>FIGUEIREDO, A. C.; LIMONGI, F. Executivo e Legislativo na Nova Ordem Constitucional. 2a. edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.</p> <p>KINZO, M. D. G. Representação política: perspectiva teórica e um exame da experiência brasileira. Dissertação de Mestrado. USP: São Paulo, 1978.</p> <p>LAMOUNIER, B. A representação proporcional no Brasil: mapeamento de um debate. Revista de Cultura e Política. CEDEC: São Paulo. n. 7, 1980.</p> <p>MENDES SANTOS, F. G. Patronagem e Poder de Agenda na Política Brasileira. Dados, vol. 40 (3). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997.</p>		

_____. Instituições eleitorais e desempenho do presidencialismo no Brasil. **Dados**, vol. 42 (1). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999.

MILL, J. S. **Considerações sobre o Governo Representativo**. Brasília: UnB, 1981.

NICOLAU, J. M. **Multipartidarismo e Democracia**: um estudo sobre o sistema partidário brasileiro (1985-94). Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. As distorções na representação dos estados na Câmara dos Deputados brasileira. **Dados**, vol. 40 (3). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997b.

RANULFO, C. **Retirando as cadeiras do lugar** – migração partidária na Câmara dos Deputados (1985-2002). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

REIS, F. W. Governabilidade Instituições Política. **Novos Estudos** Cebrap, n. 41. (março). São Paulo: Cebrap, 1995.

SOARES, M. M. **Democracia, Representação Política e Federalismo no Brasil**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

Bibliografia complementar:

ELO, C. R. Partidos e Migração Partidária na Câmara dos Deputados. **Dados**, vol. 43 (2). Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000.

SOARES, M. M. **Teoria do Sistema Federal**: Heterogeneidades Territoriais. Democracia e Instituições Políticas. Dissertação de Mestrado. UFMG, 1997.

ANDERSON, G. **Federalismo. Uma introdução**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

CARVALHO, J. M. República, democracia e federalismo no Brasil, 1870-1891. **Varia Hist.** Belo Horizonte, v. 27, nº 45, p. 141-157, Jan-Jun, 2011.

NEIVA, P. R.; SOARES, M. M. Senado brasileiro: casa federativa ou partidária. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, nº 81, p. 97-115, fevereiro, 2013.

DISCIPLINA: Política e desenvolvimento econômico		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Introdução à Economia
<p>Ementa: Conceituação e terminologia. O campo da economia do desenvolvimento. Teorias do desenvolvimento: Lewis, Rostow, Rosenstein-Rodan, Hirschman. O pensamento da CEPAL. O debate pós-cepalino: a teoria da dependência. A abordagem endogenista. Estado e desenvolvimento. Internacionalização do capital e desenvolvimento. Globalização. Interdependência.</p> <p>Bibliografia básica: CARDOSO, F. H; FALETTO, E. Dependência e desenvolvimento na América Latina. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.</p> <p>FRANK, A. G. América Latina: subdesarrollo o revolución. México: Era, 1980.</p> <p>FURTADO, C. O mito do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.</p> <p>HIRSCHMAN, A. O. Estratégia do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.</p> <p>LEWIS, W.A. O desenvolvimento econômico com oferta ilimitada de mão-de-obra. In AGARWALA, A.N.; SINGH, S.P. A economia do subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Forense, 1969.</p> <p>Bibliografia complementar: MANTEGA, G. A economia política brasileira. São Paulo/Petrópolis: Polis/Vozes, 1984.</p> <p>HIRSCHMAN, A.O. Grandeza e decadência da economia do desenvolvimento. In: HIRSCHMAN, A.O. A economia como ciência moral e política. São Paulo: Brasiliense, 1986.</p> <p>BIELSCHOWSKY. R. Pensamento Econômico Brasileiro. O Ciclo Ideológico do Desenvolvimentismo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.</p> <p>RODRÍGUEZ, O. Teoria do subdesenvolvimento da CEPAL. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.</p> <p>ROSTOW, W.W. Etapas do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.</p>		

DISCIPLINA: Estudos legislativos		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Instituições Políticas Brasileiras
<p>Ementa:</p> <p>Teorias sobre as instituições legislativas. O Congresso Nacional na nova ordem constitucional. Processo decisório interno. Relação Executivo/Legislativo. Comportamento dos parlamentares e partidos políticos na arena legislativa: disciplina, migração e produção legislativa. Representação, conexão eleitoral e carreira parlamentar. Legislativos subnacionais.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>ABRANCHES, S. Presidencialismo de coalizão: O dilema institucional brasileiro. Dados, v. 31, n. 1, 1998, p. 5-33.</p> <p>AMES, B. Os Entraves da Democracia no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2003.</p> <p>AMORIM NETO, O.; SANTOS, F. A Produção Legislativa do Congresso: entre a paróquia e a nação. In: VIANNA, Luiz Werneck (Org.). A Democracia e os Três Poderes no Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 91-139.</p> <p>CAREY, J. M.; REINHARDT, G. Y. Impacto das instituições estaduais na unidade das coalizões parlamentares no Brasil. Dados - Revista de Ciências Sociais, 46, 4. 2003, p. 773-804.</p> <p>FIGUEIREDO, A; LIMONGI, F. Executivo e Legislativo na Nova Ordem Constitucional. Rio de Janeiro: FGV, 2001a.</p> <p>FIGUEIREDO, A; LIMONGI, F. Política orçamentária no presidencialismo de coalizão. Rio de Janeiro: FGV, 2008.</p> <p>KREHBIEL, K. Information and legislative organization. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992.</p> <p>LEMOS, L. B. (Org.) O Senado Federal Brasileiro no Pós-Constituinte. Brasília: Senado Federal, Unilegis, 2008.</p> <p>LEMOS, L. B. O Congresso Brasileiro e a distribuição de benefícios sociais no período 1988-1994: uma análise distributivista. Dados - Revista de Ciências Sociais, 44, 3, 2001, p. 561-630.</p> <p>LIMONGI, F. O novo institucionalismo e os estudos legislativos: a literatura norte-americana recente. BIB - Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, 37, 1994, p. 3-38.</p> <p>NICOLAU, J. M. As Distorções na Representação dos Estados na Câmara dos Deputados Brasileira. Dados, v. 40, n.3, 1997, p. 441-464.</p>		

PACHECO, L. B; MENDES, P. R. **Questões sobre o Processo Legislativo e Regimento Interno**. Centro de Documentação e Informação, Câmara dos Deputados, 1998.

PEREIRA, C; MUELLER, B. Uma teoria da preponderância do Poder Executivo: o sistema de comissões no legislativo brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 15, 43, 2000, p. 45-67.

RICCI, P. O conteúdo da produção legislativa brasileira: leis nacionais ou políticas paroquiais? **Dados - Revista de Ciências Sociais**, 46, 4, 2003, p. 699-734.

SANTOS, F. Microfundamentos do clientelismo político no Brasil: 1959-1994. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, 38, 3, 1995, p. 111-138.

SANTOS, F. (Org.). **O poder legislativo nos Estados: diversidade e convergência**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

Bibliografia complementar:

COX, G.; McCUBBINS, M. **Legislative Leviathan: Party Government in the House**. New York: Cambridge University Press, 1993.

RODRIGUES, L. M. Partidos, ideologia e composição social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Fevereiro, v. 17, no. 48, 2002, 2002, p. 31-47.

SHEPSLE, K. A; WEINGAST, B. R. Positive Theories of Congressional Institutions. **Legislative Studies Quarterly**, 19, 1994, p. 313-345.

SANTOS, F. **O poder legislativo no presidencialismo de coalizão**. Rio de Janeiro: IUPERJ/UFMG, 2004.

SANTOS, F.; RENNÓ, L. The Selection of Committee Leadership in the Brazilian Chamber of Deputies. **The Journal of Legislative Studies**, 10, 1, 2004, p. 50 -70.

DISCIPLINA: Política latino-americana		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Transição e consolidação democrática nos países latino-americanos. Questões políticas na América Latina: relações executivo/legislativo e governabilidade; sistemas partidários, eleições e representação política.</p> <p>Bibliografia básica: ABRÚCIO, F. L. Os barões da federação. São Paulo: Hucitec, 1997.</p> <p>ANASTASIA, F; MELO, C. R. Governabilidade e representação política na América do Sul. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer; São Paulo: Fundação UNESP, 2004.</p> <p>BIELSCHOWSKY, R. Cinquenta anos de pensamento da CEPAL. Rio de Janeiro: Record, 2000. vol. I.</p> <p>_____. Cinquenta anos de pensamento da CEPAL. Rio de Janeiro: Record, 2000. vol. II.</p> <p>TAVARES, J. A. G. Instituições políticas comparadas dos países do Mercosul. Rio de Janeiro: FGV, 1998.</p> <p>Bibliografia complementar: ALCÁNTARA, M.; FREIDENBERG, F. (Coord.). Partidos en América Latina. Ciudad de Mexico: Fondo de Cultura Económica-IFE, 2003.</p> <p>O'DONNELL, G. Accountability Horizontal. In: Agora. Cuadernos de Estudios Políticos, Nro. 8, Buenos Aires, 1998.</p> <p>MAINWARING, S.; SHUGART, M. S. (Eds.). Presidentialism and Democracy in Latin America. New York: Cambridge University Press, 1997.</p> <p>VALENZUELA, S. Democratic Consolidation in Post-Transitional Settings: Notion, Process, and Facilitating Conditions. In: SCOTT M.; O'DONNELL, G.; VALENZUELA, S. (Eds.) Issues in Democratic Consolidation (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1992), págs. 57-73.</p> <p>GARAVITO, C. A. R., BARRETT, P. S., CHAVEZ, D. (eds.). La nueva izquierda en América Latina. Sus orígenes y trayectoria futura. Bogotá: Norma, 2005.</p>		

DISCIPLINA: Regimes e organizações internacionais		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: História das organizações internacionais. Sistemas de organizações pré-Grande Guerra, do período da Liga das Nações e pós-Segunda Guerra. As principais organizações contemporâneas sob a perspectiva das diferentes vertentes teóricas, sua estrutura, fundamentação e funcionamento. Os diferentes tipos de regimes sob distintas perspectivas teóricas e suas principais tendências contemporâneas.</p> <p>Bibliografia básica: COX, Robert W.; SINCLAIR. Approaches to world order. New York: Cambridge University Press, 2001.</p> <p>CRUZ, S. C. V. e. Um outro olhar: sobre a análise gramsciana das organizações internacionais. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.15, n. 42, p. 39-53, fev. 2000.</p> <p>KEOHANE, R. O. After hegemony: Cooperation and discord in the World Political Economy, Princeton: Princeton University Press, 1984.</p> <p>KRASNER, S. (Ed.). International Regimes. New York: Cornell University Press.</p> <p>Bibliografia complementar: HAGGARD, S.; SIMMONS, B. A. Theories of International Regimes In: International Organization, v. 41, n.o 3, Summer, 1987, p. 491-517.</p> <p>HASENCLEVER, A.; MAYER, P.; RITTBERGER, V. Theories of international Regimes, Cambridge: Cambridge University Press, 1997.</p> <p>MURPHY, C. N. International organization and industrial change. Global governance since 1850. Cambridge: Polity Press, 1994.</p> <p>NYE, J. Compreender os conflitos internacionais. Lisboa: Gradiva, 2002.</p> <p>NYE, J.; KEOHANE, R. Power and Interdependence. New York: Harper Collins, 1989.</p>		

DISCIPLINA: Relações internacionais e política social		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Fundamentos teóricos de políticas públicas e sociais. Consolidação e mudanças atuais das políticas sociais. Demandas e incorporação de políticas sociais na agenda internacional. Papel dos atores internacionais na formulação de políticas sociais. A questão social em um contexto de globalização.</p> <p>Bibliografia básica: ARRIGHI, G. A ilusão do desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1997.</p> <p>CAHAMAN, W. J.; SCMITT, C. O conceito de política social. JSP, v.8, nº. 1, jan.1979.</p> <p>CASTEL, R. As metamorfoses da questão social: uma crônica dos salários. Petrópolis: Vozes, 1998.</p> <p>COHEN, D. Riqueza do mundo, pobreza das nações. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.</p> <p>COCCO, G. Trabalho e cidadania: proteção e direitos na era da globalização. São Paulo: Cortez, 2000.</p> <p>BELFIORE-WANDERLEY, M et all (Org.). Desigualdade e a questão social. São Paulo: Educ, 1997.</p> <p>COIMBRA, M. A., Abordagens teóricas ao Estudo das políticas sociais. In: ABRANCHES, S. et al. Política social e combate à pobreza. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.</p> <p>CHOSSUDOVSKY, M. A globalização da pobreza: impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial. São Paulo: Moderna, 1999.</p> <p>CRUZ, S. C. V. Globalização democrática e ordem internacional: ensaios de teoria e história. São Paulo: Unesp, 2004.</p> <p>DRAIBE, S. O Welfare state no Brasil: características e perspectivas. In: Ciências Sociais Hoje. São Paulo: Vértice-Anpocs, 1989.</p> <p>DRAIBE, S. América Latina: o sistema de proteção social na década de crise e das reformas. São Paulo: NEPP/UNICAMP/CEPAL, 1995.</p> <p>DUPAS, G. Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, Estado e futuro do capitalismo. São Paulo: Paz e Terra, 1999.</p>		

ESPING-ANDERSEN, G. As Três economias-políticas do Welfare State. **Lua Nova**, n.24, set. 1991 (os. 97-111).

ESPING-ANDERSEN, G. O futuro do Welfare State na nova ordem mundial. **Lua Nova**, nº 35, 1995.

FLEURY, S. **Estado sem cidadãos**: seguridade social na América Latina. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MAURIEL, A. P. O. O imperativo político de combate à pobreza nos anos 90. **Cadernos CES**, nº 13, Niterói, 2000.

MAURIEL, A. P. O. Combate à pobreza na América Latina: impasses teóricos e ideológicos na construção da política social contemporânea. **Ser Social**, V. 1, n. 1, Brasília, Departamento de Serviço Social-Unb, 1998.

OLIVEIRA, M. A. de. **Reforma do Estado & políticas de emprego no Brasil**. Campinas: Instituto de Economia-Unicamp, 1998.

PAUGAM, S. **Desqualificação social**: ensaio sobre a nova pobreza. São Paulo: Educ/Cortez, 2003.

PEREIRA, P. **Necessidades humanas**: subsídios à crítica dos mínimos sociais. São Paulo: Cortez, 2000.

PRZEWORSKI, A. **Capitalismo e social-democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Bibliografia complementar:

RIMINGLER, G. Desenvolvimento econômico, mudança social e seguridade social. In: **Welfare policy and industrialization in europe, América and Russia**. New York/ London: John Wiley, 1971(tradução livre).

ROSANVALLON, P. **Referências históricas**: em a crise do Estado providência. Goiânia: UNB/UFG, 1997.

SALAMA, P. **Pobreza e exploração do trabalho na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2002.

SILVA, K. de S. **Globalização e exclusão social**. Curitiba: Juruá, 2000.

SOARES, L. T. R. **Os custos sociais do ajuste neoliberal na América Latina**. São Paulo: Cortez, 2000. (Série Questões da Nossa Época).

SOARES, L. T. R. **Ajuste neoliberal e desajuste social na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUSA, M. de. **A agenda social das relações internacionais**. Belo Horizonte: PUC- Minas, 2005.

STEIN, R. H. Pobreza e desigualdade na América Latina sob o olhar dos organismos internacionais. **Ser Social**, V. 1, n. 1, Brasília, Departamento de Serviço Social-Unb, 1998.

WERNECK-VIANNA, M. L. **A Americanização (perversa) da seguridade social no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

WILHELM, H. **Política social internacional**: consequências sociais da globalização. São Paulo: Konrad Adenauer, 2005.

DISCIPLINA: Geografia internacional e geopolítica		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Concepções geopolíticas clássicas. Poder terrestre, aéreo e naval. Geografia do Brasil. Geopolítica do Brasil. Crítica das concepções geopolíticas e de poder clássicas. O condicionamento geográfico como um dos determinantes das relações internacionais contemporâneas.</p> <p>Bibliografia básica: BRZEZINSKI, Z. The Grand Chessboard – American Primacy and its Geostrategic Imperatives. New York: BasicBooks, 1997.</p> <p>CELERIER, P. Geopolítica y geoestratégia. Buenos Aires: Editorial Pleamar, 1979.</p> <p>CERVO, A. L.; BUENO, C. História da política exterior do Brasil. São Paulo: Ática, 1992.</p> <p>CHALIAND, G.; RAGEAU, J-P. Atlas Stratégique: Géopolitique des rapports de forces dans le monde – L’après-Guerre froide. Paris: Editions Complexe, 1994.</p> <p>CLAUSEWITZ, C. v. On War. Princeton: Princeton University Press, 1984.</p> <p>COSTA, W. M. da: Geografia Política e Geopolítica. São Paulo: EDUSP, HUCITEC, 1992.</p> <p>COUTO E SILVA, G. Geopolítica e poder. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2003.</p> <p>DOUHET, G. O Domínio do Ar. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.</p> <p>FERREIRA, O. A crise da política externa – autonomia ou subordinação, Rio de Janeiro: Revan, 2001.</p> <p>_____. Forças Armadas, para quê? São Paulo: GRD, 1988.</p> <p>MACKINDER, H. J. Democratic ideals and reality. New York: Henry Molt and Company, 1942.</p> <p>MAHAN, A. T. The influence of sea power upon history, 1660-1783. London: Methuen, 1965.</p> <p>MEARSHEIMER, J. J. The tragedy of great power politics. New York, W. W. Norton & Company, 2001.</p> <p>MELLO, L. I. de A. A geopolítica do Brasil e a Bacia do Prata. Manaus: da Universidade do Amazonas, 1997.</p>		

_____. **Argentina e Brasil: a balança de poder no cone Sul.** São Paulo: Annablume, 1996.

_____. **Quem tem Medo da Geopolítica?** São Paulo: Edusp/Hucitec, 1999.

MIYAMOTO, S. **Geopolítica e poder no Brasil.** Campinas: Papirus, 1995.

Bibliografia complementar:

PASSOS, R. D. F. dos. Um esboço crítico às concepções geopolíticas clássicas. In: MIALHE, J. (Org.). **Direito das Relações Internacionais: ensaios históricos e jurídicos.** Campinas, Millenium, 2007, p. 361-383.

PROENÇA JR., D; DINIZ, E.; RAZA, S. G. **Guia de Estudos de Estratégia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

RATTENBACH, A. (Org.). **Antologia Geopolítica.** Buenos Aires: Editorial Pleamar, 1985.

SPYKMAN, N. J. **Estados Unidos frente al mundo.** Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1941.

TRAVASSOS, M. **Projeção continental do Brasil.** São Paulo: Companhia Nacional,, 1935.

VESENTINI, J. W. **Novas Geopolíticas.** São Paulo: Contexto, 2000.

VIZENTINI, P. F. **A política externa do regime militar brasileiro: multilateralização, desenvolvimento e construção de uma potência média (1964-1985).** Porto Alegre: da Universidade/UFRGS, 1998.

DISCIPLINA: Processo legislativo		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: História e Funções do Poder Legislativo. Legislativo Brasileiro. Funcionamento do processo legislativo: formulação do projeto de lei, votação, emendas etc. Partidos e bancadas parlamentares. Legislativo e sociedade civil. Grupos de pressão de <i>lobby</i>. Legislativo brasileiro na nova ordem constitucional.</p> <p>Bibliografia básica: BRASIL. Constituição Federal. São Paulo: RT, 2000.</p> <p>Cox, G.W. The Efficient Secret. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.</p> <p>DINIZ, S. Processo Legislativo e Sistema de Comissões. Revista do Legislativo, nº 26, 1999, p. 60-78.</p> <p>FERREIRA FILHO, M.G. Do processo legislativo. São Paulo: Saraiva, 1995.</p> <p>Bibliografia complementar: FIGUEIREDO, A.; LIMONGI, F. Executivo e Legislativo na Nova Ordem Constitucional. Rio de Janeiro: FGV, 1999.</p> <p>AMORIM NETO, Octavio and TAFNER, Paulo. Governos de Coalizão e Mecanismos de Alarme de Incêndio no Controle Legislativo das Medidas Provisórias. Dados [online]. 2002, vol.45, n.1, pp. 5-38.</p> <p>ABRANCHES, Sérgio Henrique Hudson de. Presidencialismo de coalizão: o dilema institucional brasileiro. Dados, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 1988, p. 5-33.</p> <p>AMORIN NETO, Octavio, O Poder Executivo, centro de gravidade do sistema político brasileiro. In: AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio Octávio (Org.). Sistema político brasileiro: uma introdução. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2007.</p> <p>AMORIM NETO, Octavio; SANTOS, Fabiano. O segredo ineficiente revisto: o que propõem e o que aprovam os deputados brasileiros. Dados – Revista de Ciências Sociais, v. 46, n. 4, p. 661-698, 2003.</p>		

DISCIPLINA: Sociologia brasileira		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Origens e desenvolvimento da Sociologia no Brasil. Estudos sobre classe, raça e desenvolvimento sócio-político no Brasil. Autores clássicos da Sociologia brasileira: Alberto Torres, Oliveira Viana, Gilberto Freyre, Caio Prado Junior, Sérgio Buarque de Holanda, Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes. Sociologia brasileira contemporânea.</p> <p>Bibliografia básica: CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. Dependência e desenvolvimento na América Latina. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.</p> <p>FERNANDES, F. A Revolução Burguesa no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.</p> <p>FERNANDES, F. A Sociologia no Brasil. Contribuição Para o Estudo de sua Formação e Desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977.</p> <p>FERNANDES, F. Democracia e Desenvolvimento - A Transformação da Periferia e o Capitalismo Monopolista na Era Atual. São Paulo: Hucitec, 1994.</p> <p>FREYRE, G. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933</p> <p>HOLANDA, S. B. de: Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.</p> <p>NOGUEIRA, O. Preconceito de Marca. As relações raciais em Itapetininga. São Paulo: Edusp, 1998.</p> <p>OLIVEIRA VIANNA, F. J. de: Populações meridionais do Brasil e instituições políticas brasileiras. Brasília: Câmara dos Deputados, 1982.</p> <p>RAMOS, A. G. O processo da sociologia no Brasil: esquema de uma história das idéias. Rio de Janeiro: 1953.</p> <p>PRADO JUNIOR, Caio: Formação do Brasil contemporâneo. Colônia, São Paulo, Brasiliense, Publifolha, 2000.</p> <p>_____. Evolução política do Brasil: colônia e império. São Paulo, Brasiliense, 2007.</p>		

Bibliografia complementar:

REIS, E.; REIS, Fábio W.; VELHO, G. As Ciências Sociais nos últimos vinte anos: três perspectivas. **RBCS**, v. 12, n. 35, 1997, pp. 7-38.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e Negros em São Paulo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens Livres na Ordem Escravocrata**. São Paulo: Kairós, 1983.

MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. v. 1. São Paulo: Sumaré/Idesp/Fapesp, 1995.

MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. v. 2. São Paulo: Sumaré/Idesp/Fapesp, 1995.

SORÁ, Gustavo. A Construção sociológica de uma posição regionalista: reflexões sobre a edição e recepção de Casa-Grande & Senzala de Gilberto Freyre. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13. n. 36, fev. 1998.

DISCIPLINA: **História das ideias políticas e sociais**

COORDENAÇÃO: CCP

CH
60 h

CRÉDITOS
4.0.0

PRÉ-REQUISITOS:

-

Ementa:

Pensamento filosófico e político na Antiguidade Clássica e suas influências para o pensamento moderno. Pensamento político e social do século XVII ao XX. Formação do Estado Moderno e processo de secularização. Pensadores políticos e suas propostas. Concepções de Estado, Poder e Sociedade. Liberalismo e Socialismo. Pensamento neo-liberal.

Bibliografia básica:

ANDERSON, P. **Linhagens do Estado Absolutista**. Porto: Afrontamento, 1984.

ANDERSON, P. **Passagens da antiguidade ao feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1974.

AYMARD, A.; AUBOYER, J. **História Geral das Civilizações**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1977. (Vol 1 e Vol 2).

FUNARI, P. P. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Roma: vida pública e vida privada**. São Paulo: Atual, 1998.

JONES, E. L. **O Milagre Europeu**. Lisboa: Gradiva, 1987.

Bibliografia complementar:

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

STRAUSS, L.; CROPSEY, J. **História da Filosofia Política**. São Paulo: Forense Universitária, 2013.

VOEGELIN, E. **História das Ideias Políticas. Vol 1**. São Paulo: É Realizações, 2013.

VOEGELIN, E. **História das Ideias Políticas. Renascença e Reforma. Vol 4**. São Paulo: É Realizações, 2014.

STRAUSS, L. **La Filosofía Política de Hobbes. Su Fundamento y su génesis**. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

DISCIPLINA: Introdução ao estudo do Direito		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Introdução ao Estudo do Direito. Concepções do Direito. Direito, Lei e Justiça. Norma Jurídica. Ordenamento Jurídico. Fontes do Direito. Interpretação Jurídica e Linguagem Normativa. Aplicação do Direito. Conceitos Jurídicos Fundamentais. Direito e Moral.</p> <p>Bibliografia básica: FERRAZ JR., T. S. Introdução ao Estudo do Direito: técnica, decisão, dominação. São Paulo, Atlas, 1994.</p> <p>_____. Teoria Geral do Direito e do Estado. São Paulo: Martins Fontes, 2000.</p> <p>NADER, P. Introdução ao Estudo do Direito. Rio de Janeiro: Forense, 2001.</p> <p>REALE, M. Lições Preliminares de Direito. São Paulo: Saraiva, 2003.</p> <p>Bibliografia complementar: MONTORO, A. F. Introdução à Ciência do Direito. São Paulo: RT, 2000.</p> <p>KELSEN, H. Teoria Pura do Direito. São Paulo: Martins Fontes, 2000.</p> <p>CARVALHO, O. Introdução ao Estudo do direito. Belo Horizonte: Del Rey, 1997.</p> <p>CRETELLA Jr., J. Primeiras lições de Direito. Rio de Janeiro: Forense, 2000.</p> <p>CRISPIM, L. A. Estudos preliminares de Direito. São Paulo: Saraiva, 1997.</p> <p>FERRAZ Jr, T. S. Introdução ao Estudo do Direito. <i>Técnica, decisão, dominação.</i> 4ª ed., São Paulo: Atlas, 2003.</p>		

DISCIPLINA: Democracia e competição política		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Teoria Democrática, Representação Política e Responsividade. Partidos e disputa política. Competição política e eleitoral. Índices de competitividade eleitoral. Disputa e eleições em regimes democráticos.</p> <p>Bibliografia básica: CHARLOT, J. Os Partidos Políticos. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.</p> <p>DAHL, R. Poliarquia: participação e oposição. São Paulo: Edusp, 1997.</p> <p>DOWNS, A. Uma Teoria Econômica da Democracia. São Paulo: Edusp, 1999.</p> <p>DUVERGER, M. Os Partidos Políticos. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.</p> <p>PANEBIANCO, A. Modelos de Partido: organização e poder nos partidos políticos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.</p> <p>Bibliografia complementar: DIAMOND, L; GUNTHER, R. (eds.). Political Parties and Democracy. Baltimore/Londres: The Johns Hopkins University Press, 2001.</p> <p>GUNTHER, R; MONTERO, J.; LINZ, J. Political Parties: old concepts and new challenges. Oxford: Oxford University Press, 2002.</p> <p>PRZERWORSKI, A. Capitalismo e Social-Democracia. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.</p> <p>SARTORI, G. Partidos e Sistemas Partidários. Rio de Janeiro/Brasília: Universidade de Brasília, 1982.</p> <p>SCHUMPETER, J. Capitalismo, Socialismo e Democracia. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.</p>		

DISCIPLINA: Planejamento de campanha eleitoral		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Planejamento e organização de campanhas eleitorais. Planejamento de estratégias eleitorais a partir de resultados de pesquisas eleitorais e de opinião. Ética e legislação eleitoral. Planejamento estratégico institucional. Gestão da imagem. Relação entre marketing institucional e marketing político. Marketing político de imagem e de ideias. Ferramentas e tecnologias de planejamento eleitoral. Apresentação e discussão de <i>cases</i>.</p> <p>Bibliografia básica: AAKER, D. A; KUMAR, V; DAY, G. S. Pesquisa de marketing. São Paulo: Atlas, 2004.</p> <p>FIGUEIREDO, R. (Org.). Marketing Político e persuasão eleitoral. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000.</p> <p>LAVAREDA, A.. Emoções ocultas e estratégias eleitorais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.</p> <p>LIMA, M. O. C. de. Marketing eleitoral: para não desperdiçar recursos. São Paulo: Ícone, 1988.</p> <p>KUNTZ, R. A. Marketing Político. Manual de Campanha Eleitoral. São Paulo: Global, 2004.</p> <p>Bibliografia complementar: BARRETTO, L. Propaganda política e direito processual eleitoral. São Paulo: EDIPRO, 2004.</p> <p>MAQUIAVEL, N. O Príncipe. São Paulo: Martins Fontes, 2001.</p> <p>BARRETO, R. M. Criatividade em Propaganda. São Paulo: Summus, 1982.</p> <p>CARVALHO, N. de. Publicidade: a linguagem da sedução. São Paulo: Ática, 2000.</p> <p>FIGUEIREDO, N. L. Direto ao poder: estratégias de marketing político. Campinas: Cartgraf, 1985.</p> <p>FIGUEIREDO, R. Marketing político e persuasão eleitoral. Rio de Janeiro: Conrad Adenauer, 2000.</p> <p>FIGUEIREDO, R. O que é Marketing Político. São Paulo: Brasiliense, 1994.</p> <p>GARCIA, N. Jahr. In: DOMENACH, Jean-Marie. A propaganda política. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.</p>		

MANHANELLI, C. A. **Estratégias eleitorais: marketing político**. São Paulo: Summus, 1988.

MORAES, D. de. **A batalha da mídia**. Rio de Janeiro: Pães e Rosas, 2009.

DISCIPLINA: Corrupção e accountability em sistemas políticos modernos		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa:</p> <p>Retrospectiva histórica dos sistemas políticos. Corrupção, nepotismo, fisiologismo, crime organizado, favorecimento e “mordomias”. Lesão ao patrimônio público, perda de credibilidade do sistema político-administrativo. Transgressão a regras legais ou ao consenso moral. Instituições, mecanismos e tipos de controle (Secretaria Federal de Controle, o controle externo por instituições como o Legislativo e os Tribunais de Contas e o controle societal partindo dos cidadãos, de movimentos e organizações sociais e a imprensa). Problemas de “accountability”.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>AZEVEDO, L; REIS, A. Roteiro da Impunidade. Uma Radiografia dos Sistemas de Corrupção, s/l [São Paulo], Scritta Editorial, 1994.</p> <p>AMARAL FILHO, M. J. T.: O Ombudsman e o Controle da Administração, São Paulo, Edusp, 1996.</p> <p>BARBOSA, L. O jeitinho brasileiro. A arte de ser mais igual que os outros, Rio de Janeiro, Campus, 1992.</p> <p>BEZERRA, M. O. Corrupção. Um estudo sobre poder público e relações pessoais no Brasil, Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará 1995.</p> <p>CAMPOS, A. M.. Accountability: Quando poderemos traduzi-la para o português?, in: Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, 24 (2): 30-50, 1990.</p> <p>CITADINI, A. R.. O controle externo da administração pública, São Paulo, Ed. Max Limonad 1995.</p> <p>COSTA, C. T. O relógio de Pascal: a experiência do primeiro Ombudsman na imprensa brasileira, São Paulo, Siciliano, 1991.</p> <p>FAGUNDES, M. S. Instrumentos institucionais de combate à corrupção, in: X Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (Recife 1984), Tese nº 14, S. 397-407, 1984 (também em: Revista de Direito Público, nº 71, s/a ???, p. 60-65).</p> <p>FEDER, J. Estado e a sobrevida da corrupção. Curitiba: Tribunal de Contas do Estado do Paraná, 1994.</p> <p>LEITE, C. B. Ombudsman. Corregedor Administrativo. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.</p> <p>LOPES, A. C. Ensaio sobre o Tribunal de Contas. São Paulo: s/e, 1947.</p>		

MARTINS, C. E. Governabilidade e Controles, in: **RAP**, FGV, vol. 23, nº 1, 1989, p. 5-20.

MEDAU, O. Controle da administração pública pelo Tribunal de Contas, in: **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, nº 108, a 27, 1990, p. 101-126.

O'DONNELL, G. Accountability Horizontal e Novas Poliarquias, **Lua Nova**, São Paulo, nº 44, 1998, p. 27-54.

OLIVEIRA, M. M. **Comissões parlamentares de inquerito no Senado Federal**. Sua história e desempenho no período de 1946 a 1989, Brasília, Senado Federal, Centro Gráfico, 1990.

OLIVEIRA, T. A. de. **O Controle da Eficácia da Administração Pública no Brasil**, Salvador, EGBA, 1995 [Tese Mestrado 1994].

Bibliografia complementar:

PEREIRA, L. C. B. **A reforma do Estado dos anos 90**: Lógica e mecanismos de controle, in: **Lua Nova**, São Paulo, nº 45, 1998, p. 49-95.

PINTO, O. de L.: Ombudsman nas instituições bancárias do Brasil: agentes de mudanças, Dissertação Mestrado UnB, Brasília 1993 Teixeira, Carla Costa: Decoro parlamentar: a legitimidade da esfera privada no mundo público?, in: **RBCS** ano 11, nº 30, 1996, p. 110-127.

VIEIRA, C. A. Frederico Lustosa da Costa; Lázaro Oliveira Barbosa. O "jeitinho" brasileiro como um recurso de poder, in: **Revista de Administração Pública**, 16 (2), p. 5-31, 1982.

PESSANHA, C. **Relações entre os poderes Executivo e Legislativo no Brasil: 1946-1994**. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade de São Paulo. 1997.

PIETH. M. **Collective Action: innovative strategies to prevent corruption**. Zurich: Basel. 2012.

DISCIPLINA: Estado e sociedade no capitalismo contemporâneo		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa:</p> <p>O papel do Estado no contexto das transformações que vêm marcando a economia mundial no final do século XX. Os vínculos entre Estado e capitalismo, focalizando-o numa perspectiva histórico-estrutural. As limitações à autonomia do Estado estabelecidas pelo processo de acumulação e a coexistência permanente de uma economia mundialmente integrada e uma estrutura de poder descentralizada, sob a forma de um sistema de Estados, sob o capitalismo. Capitalismo e globalização, os aspectos centrais da organização da economia mundial do pós guerra e de suas transformações mais recentes, o impacto de tais mudanças no papel do Estado no mundo contemporâneo. Processos emergentes e democracia.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>BRESSER PEREIRA, L. C.; WILHEIM, J.; SOLA, L. Sociedade e Estado em transformação. São Paulo: Unesp, Brasília: ENAP, 1999.</p> <p>CRUZ E VELASCO, S. C. Trajetórias: capitalismo neoliberal e reformas econômicas nos países da periferia. São Paulo: Unesp, 2007.</p> <p>EVANS, P. Autonomia e parceria: Estados e transformação industrial. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.</p> <p>GARRETT, G. Mercados globales y política nacional: ¿colisión inevitable o círculo virtuoso?, Desarrollo Económico, v. 38, no. 152, marzo de 1999, 883-924.</p> <p>TILLY, Charles. Coerção, capital e estados europeus. São Paulo: Edusp, 1996</p> <p>VELASCO E CRUZ, S. Democracia e Ordem Internacional. Reflexões a Partir de Um País Grande Semiperiférico. IFCH/UNICAMP, Primeira Versão, n.. 103, 2002.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>TODD, E. Depois do Império. Rio de Janeiro: Record, 2003.</p> <p>TUSSIE, D. The Uruguay round and the Trading System in the Balance: Dilemmas for Developing Countries, In: AGOSTIN, M. R.; TUSSIE, D. (Eds.). Trade and Growth. New Dilemmas in Trade Policy, London: St. Martin Press, 1993, p. 69-88.</p> <p>WALLERSTEIN, I. The Politics of the World-Economy. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.</p>		

WALTZ, K. N. Structural Realism after the Cold War, In: IKENBERRY, G. J. (Ed.). **American Unrivaled**. The future of the balance of power. Ithaca and London: Cornell University Press, 2002.

WALTZ, K. N. The New World Order, Millennium, **Journal of International Studies**, v. 22, n. 2, 1993, p. 187-95.

WALZER, M. De l'anarchie à l'ordre mondial: set modèles pour penser les relations internationales, **Esprit**, No. 274, 2001, p. 6-14.

DISCIPLINA: Direitos humanos, política e direito		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa:</p> <p>Debate teórico internacional relativo aos direitos humanos. Mudanças a partir do início dos anos noventa, nos instrumentos jurídicos internacionais de direitos humanos e nas instituições multilaterais dedicadas à sua proteção e promoção. Debates de teoria política, relações internacionais e estudos culturais concernentes à natureza e a efetividade dos direitos humanos face à soberania estatal na ordem internacional. Temas da universalidade e relatividade dos direitos humanos e suas relações com as normatividades sociais. Políticas de implementação dos direitos humanos, promovidas por instituições multilaterais, estatais ou por organizações da sociedade civil</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>ALVES, J. A. L. Relações Internacionais e Temas Sociais – A Década das Conferências. Brasília: IBRI, Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2001.</p> <p>_____. A Arquitetura Internacional dos Direitos Humanos. São Paulo: FTD (Co. Juristas da Atualidade), 1997.</p> <p>_____. Os Direitos Humanos como Tema Global. São Paulo: Perspectiva, 1994.</p> <p>ARNAUD, A-J. O Direito entre Modernidade e Globalização, Lições de Filosofia do Direito e do Estado. Rio de Janeiro: Renovar, 1999.</p> <p>KOERNER, A. Os Direitos Humanos na Política Democrática. Revista Brasileira de Ciências Sociais, no. 54, 2003.</p> <p>_____. Sujeito de Direito e Ordem Política no Debate sobre Direitos Humanos nos Anos Noventa, Lua Nova, no. 57, 2002.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>SANTOS, B. de S. Por uma Concepção Multicultural de Direitos Humanos, Lua Nova, Revista de Cultura e Política, nº 39, pp. 105-124, 1997.</p> <p>SINGER, H. Discursos Desconcertados. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2003.</p> <p>VILLA, R. D. Da Crise do Realismo à segurança Global Multidimensional. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1999.</p> <p>RAWLS, J. O Direito dos Povos. São Paulo: Martins Fontes, 1994.</p> <p>SEN, A. Desenvolvimento como Liberdade. São Paulo: Comp. das Letras, 2000.</p>		

DISCIPLINA: Constitucionalismo, democracia e Estado de direito		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa:</p> <p>Teoria política e direito. Relações entre constitucionalismo, democracia e Estado de direito. A legitimidade política. A justificação de garantias constitucionais aos direitos fundamentais face à vontade da maioria e a legitimidade do controle judicial de decisões das instituições representativas. O debate teórico sobre formatos institucionais. Estrutura e a dinâmica das instituições democráticas contemporâneas. As relações entre os poderes e o controle da constitucionalidade no Brasil pós-1988.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>ARANTES, R. B. Judiciário e Política no Brasil. São Paulo: Sumaré/FAPESP/EDUC, 1997.</p> <p>CAPPELLETTI, M. O Controle Judicial de Constitucionalidade das Leis no Direito Comparado. Porto Alegre: Sergio Fabris, 1984.</p> <p>CASTRO, M F de. O Supremo Tribunal Federal e a Judicialização da Política, Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 12, n. 34, junho/1997.</p> <p>CITTADINO, G. Pluralismo, direito e justiça distributiva. Elementos da filosofia constitucional contemporânea. RJ: Lumen Juris, 2000.</p> <p>DWORKIN, Ronald. O Império do Direito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.</p> <p>_____. Uma Questão de Princípio. São Paulo: Martins Fontes, 2000.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>VIANNA, L. W. (org.) A Democracia e os Três Poderes no Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2002.</p> <p>____ et alii. A Judicialização da Política e das Relações Sociais no Brasil. Rio Janeiro: Revan, 1999.</p> <p>VIEIRA, O. V. Supremo Tribunal Federal - Jurisprudência Política. São Paulo: RT, 1994.</p> <p>HABERLE, P. Hermenêutica Constitucional. A Sociedade Aberta dos intérpretes da Constituição: Contribuição para a interpretação pluralista e 'procedimental' da Constituição. Porto Alegre: Sérgio Fabris, 1997.</p> <p>TEIXEIRA, A. A Judicialização da Política no Brasil (1990-1996). Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 1997.</p>		

DISCIPLINA: Financiamento da competição política em perspectiva comparada		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa:</p> <p>Financiamento de partidos e campanhas eleitorais. Relação entre financiamento político e valores como equidade, transparência e a competitividade do processo eleitoral. Os padrões e práticas de financiamento de campanhas eleitorais em vários países, bem como os respectivos sistemas normativos. O impacto das relações econômicas sobre o relacionamento entre cidadãos e candidatos.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>ARAÚJO, C. E. P. de. Financiamento de campanhas eleitorais. Revista de Informação Legislativa, Brasília, v. 41, n. 161, p. 59-66, jan/mar 2004.</p> <p>CAETANO, G. et alii. Dinero y Política. El Financiamiento de los Partidos en la Democracia. Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental, 2002.</p> <p>CASSEB, P. A. Custeio das despesas partidárias. Revista do Instituto dos Advogados, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 134-145, jan./jun. 2004.</p> <p>CASTILLO, P. del; ZOVATTO, D. (Orgs.). La financiación de la política en Iberoamérica, Instituto Interamericano de Derechos Humanos-Centro de Asesoría y Promoción Electoral (IIDH/CAPEL), San José, 1998.</p> <p>CINTRA, M. É fácil acabar com o caixa dois de campanha, mas interessa? L & C: Revista de Administração Pública e Política, Brasília, v.9, n.95, p.8, maio 2006.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>GASPAR, M. O tabu das doações. Exame, São Paulo, v.39, n.16, p.26-28, ago. 2000.</p> <p>RIAL, J. O dinheiro e as organizações políticas: regulações e realidade na América Latina. Cadernos Adenauer, v. 6, n. 2, p. 95-122, 2005.</p> <p>SPECK, B. W. Reagir a escândalos ou perseguir ideais? a regulação do financiamento político no Brasil. Cadernos Adenauer, v. 6, n. 2, p. 123-159, 2005.</p> <p>_____. A compra de votos - Uma aproximação empírica. Opinião Pública, Revista do CESOP, Campinas, v. 9, n. 1, p. 148-169, 2003.</p> <p>FERNANDEZ RUBIO, D. (Org.): Financiamiento de Partidos Políticos. Buenos Aires: Fundación Konrad Adenauer y Ciedla, 1997.</p>		

DISCIPLINA: Democracia e participação		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Relação entre democracia e participação. Democracia participativa e a democracia deliberativa. Democracia e Participação. Sociedade Civil, Movimentos Sociais e Espaço Público. “Os Movimentos sociais e a Construção democrática: Sociedade Civil, Espaços Públicos e Gestão Participativa”.</p> <p>Bibliografia básica: AVRITZER, L; NAVARRO, Z (Orgs.). A Inovação democrática no Brasil. São Paulo: Cortez, 2003.</p> <p>BAIERLE, S. A Explosão da Experiência: A emergência de um novo princípio ético político nos movimentos populares urbanos em Porto Alegre. ALVAREZ, S.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A. (Orgs.). Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos: novas Leituras. Belo Horizonte: UFMG, 2000.</p> <p>CARVALHO, M. do C. Participação social no Brasil hoje. Papers Pólis, 2, 1998.</p> <p>DAGNINO, E. Sociedade Civil, Espaços Públicos e a Construção democrática no Brasil: limites e possibilidades. In: DAGNINO, Evelina (Org.). Sociedade Civil e Espaços Públicos no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 279-301.</p> <p>FEDOZZI, L. Orçamento Participativo – Reflexões sobre a Experiência de Porto Alegre. Porto Alegre: Editorial Tomo, 1997.</p> <p>GENRO, T.; SOUZA, U. de. Orçamento Participativo – a experiência de Porto Alegre/São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.</p> <p>Bibliografia complementar: SANTOS, B. de S.; AVRITZER, L. Para ampliar o cânone democrático. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). Democratizar a Democracia – Os caminhos da democracia participativa. Rio: Civilização Brasileira, 2002.</p> <p>SANTOS, B. de S. Orçamento Participativo em Porto Alegre: para uma democracia redistributiva. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). Democratizar a Democracia – Os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.</p> <p>PATEMAN, C. Participação e Teoria Democrática. São Paulo: Paz e Terra, 1988.</p> <p>RIBEIRO, A. C. T.; GRAZIA, G. de. Experiências de Orçamento Participativo no Brasil. Petrópolis: Vozes/Fórum Nacional de Participação Popular, 2003.</p>		

TATAGIBA, L. Os Conselhos gestores e a democratização das Políticas Públicas no Brasil. In: DAGNINO, Evelina (Org.). **Sociedade Civil e Espaços Públicos no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DISCIPLINA: Desenvolvimento econômico e questões regionais		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS: -
<p>Ementa: Novas interpretações sobre os processos de desenvolvimento econômico. Questões regionais e territoriais no mundo contemporâneo. Políticas públicas e planejamento econômico. Pacto federativo e questões regionais no Brasil. Políticas e programas de desenvolvimento regional no Brasil.</p> <p>Bibliografia básica: COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Nosso Futuro Comum. Rio de Janeiro: FGV, 1991.</p> <p>CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Agenda 21. Brasília: Senado Federal, 1997.</p> <p>FERNANDEZ, O. S. L. Desenvolvimento econômico, ciência e tecnologia. In: Parcerias Estratégicas, Brasília, n. 20, p. 1343-1376, jun. 2005.</p> <p>FURTADO, C. Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1986 (Os Economistas).</p> <p>FURTADO, C. O longo amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.</p> <p>FURTADO, C. A constatação do GTDN e as exigências da atualidade. In: Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 28, n. 4, p. 375-386, out. dez. 1997.</p> <p>LANDES, D. S. Riqueza e Pobreza das Nações. Porque algumas são tão ricas e outras são tão pobres. Rio de Janeiro: Campus, 1998.</p> <p>PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Relatório do Desenvolvimento Humano 2005. Resumo. New York: PNUD, 2005. Disponível em www.undp.org. Acesso fev. 2006.</p> <p>Bibliografia complementar: UNITED NATIONS. United Nations Millennium Declaration. Resolution adopted by the General Assembly, sep. 2000. Disponível em www.undp.org. Acesso fev. 2006.</p> <p>VELLOSO, J. P. dos R. (Coord.). O Brasil e a Economia do Conhecimento. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.</p>		

WORLD BANK. **Knowledge for Development**. Summary. Washington, D.C.: autor, 1999 (World Development Report 1998/99). Disponível em www.worldbank.org. Acesso fev. 2006.

SILVA, C. G.; MELO, L. C. P. de (Coord.). **Ciência, Tecnologia e Inovação**. Desafios para a sociedade brasileira. Livro Verde. Brasília: MCT e Academia Brasileira de Ciências, 2001.

THOMAS, V. et al. **A Qualidade do Crescimento**. Tradução Edécio Gonçalves de Souza. São Paulo: UNESP, 2002.

8.4 Estágio Curricular - Obrigatório

DISCIPLINA: Estágio Curricular		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 225 h	CRÉDITOS 20.0.15	PRÉ-REQUISITOS: Teoria Política III (Contemporânea); Desenho de Pesquisa em Ciência Política; e Planejamento e Assessoria
<p>Ementa: Orientação e supervisão da prática profissional. Sistematização da integração da teoria e da prática. Acompanhamento da aprendizagem visando o aprimoramento profissional. Orientação do estudante em instituições públicas e privadas visando o aprimoramento educativo-profissionalizante. Execução de projeto de intervenção e de pesquisa.</p> <p>Bibliografia básica: BASTOS, L. da R. et. Al. Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.</p> <p>BIANCHI, A. C. DE M.; ALVARENGA, M.; BIANCHI, R. Manual de Orientação - Estágio Supervisionado. São Paulo: CENGAGE, 2009.</p> <p>BURIOLLA, M. A. F. Estágio Supervisionado. São Paulo: Cortez, 1995.</p> <p>ROESCH, S. M. A. Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guias para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudo de casos. São Paulo: Atlas, 1999.</p> <p>Bibliografia complementar: PIMENTA, S. G., LIMA, M. S. L. (Orgs). Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2004.</p> <p>LIMA, M. C.; OLIVO, S. Estágio supervisionado e trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Thomson, 2007.</p> <p>MARTINS, G. A.; LINTZ, A. Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2002.</p> <p>ROESCH, S. M.A. Projetos de estágios e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudo de casos. São Paulo: Atlas, 2000.</p> <p>VERGARA, S. C. Projeto e relatórios de pesquisa em administração. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2000.</p>		

8.5 Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia (TCC)

DISCIPLINA: Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia (TCC)		
COORDENAÇÃO: CCP		
CH 180 h	CRÉDITOS 12.0.0	PRÉ-REQUISITOS: Metodologia Quantitativa; Metodologia Qualitativa; Teoria Política III (Contemporânea)
<p>Ementa: Pesquisa científica. Interpretação dados da pesquisa empírica. Estruturação metodológica do trabalho de conclusão de curso. Socialização dos resultados.</p> <p>Bibliografia básica: BASTOS, L. da R. et al. A arte de investigação criadora: introdução a metodologia da pesquisa. Rio de Janeiro: JUENE, 1986.</p> <p>ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1995.</p> <p>GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991.</p> <p>SALOMON, D. V. Como fazer uma monografia. São Paulo: Martins Fontes, 1991.</p> <p>SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2002.</p> <p>Bibliografia complementar: LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2007.</p> <p>BELL, J. Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em Educação, Saúde e Ciências Sociais. 4ª Ed. São Paulo: Penso. 2008.</p> <p>KING, G.; KEOHANE, R. O.; VERBA, S..Designing Social Inquiry: Scientific Inference in Qualitative Research. Princeton, Princeton University Press. 1994.</p> <p>POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L.H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2008.</p> <p>PRZERWORSKI, A.; SALOMON, F. The art of writing proposal: some candid suggestion for applicants to social science research council competition. Social Science Research Council, New York, p. 1-8,1998.</p>		

9. SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO

Durante todo o processo de execução do curso de Ciência Política, este será avaliado. A primeira avaliação ocorrerá durante sua implementação e a segunda avaliação após a conclusão das primeiras turmas.

A avaliação tem como pressuposto a participação efetiva de alunos, professores e da comunidade acadêmica em geral. O objetivo é repensar a metodologia e as práticas educacionais cotidianas, de forma a permitir um *feedback* entre as metas e os objetivos do curso. Dessa forma, os conteúdos das disciplinas e as práticas metodológicas utilizadas em sala de aula estarão em constante processo de avaliação, visando aperfeiçoar as práticas pedagógicas.

A Coordenação do Curso de Ciência Política, juntamente com os professores e o Colegiado do Curso, monitorarão as atividades de ensino, pesquisa, extensão, atividades complementares, disciplinas livres, estágio curricular e Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). Visando atingir este fim, serão necessárias a implementação das seguintes formas de acompanhamento:

- 1) Aplicação de questionários, junto aos alunos, com o intuito de avaliar os conteúdos, métodos e práticas pedagógicas do curso;
- 2) A realização de reuniões mensais do Colegiado do Curso para discutir questões relacionadas ao andamento das atividades docentes e discentes;
- 3) Análise do desempenho dos discentes nas disciplinas a cada semestre letivo, para orientar a oferta de disciplinas aos alunos fora de bloco.

Dessa forma, a sistemática de avaliação do curso de Ciência Política abarcará duas dimensões: a do processo de ensino e de aprendizagem e a do próprio currículo.

9.1 Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem

O modelo de avaliação adotado pelo curso de Ciência Política da UFPI terá como metodologia a análise quantitativa, qualitativa e comparativa. A necessidade de optar por modelos plurais de avaliação advém da complexidade da

prática educacional, pois nenhuma abordagem é suficiente para aferir de modo preciso o desenvolvimento das atividades do curso.

A metodologia quantitativa, nesse sentido, permitirá mensurar percepções, opiniões, hábitos, atitudes, atividades e comportamentos de alunos e professores. O diagnóstico realizado a partir dessa abordagem permitirá o melhor direcionamento das atividades propostas, assim como, a melhoria dos serviços prestados à comunidade acadêmica. Além disso, esta metodologia possibilitará o redimensionamento das demandas e limites das práticas pedagógicas das disciplinas do curso.

A metodologia qualitativa considera os aspectos subjetivos do processo de avaliação, pois busca explicar as motivações individuais que movimentam a ação dos alunos e dos professores. Nesse sentido, as metodologias quantitativa e qualitativa devem ser consideradas conjuntamente para uma melhor avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, a metodologia comparativa será utilizada para demarcar o desenvolvimento dos alunos do curso de Ciência Política. Além disso, poder-se-á avaliar o desempenho período por período, turma por turma, verificando a adequação das abordagens utilizadas em sala e a aprendizagem do aluno. Optou-se, também, pela metodologia comparativa porque se entende que comparar significa assimilar e diferenciar limites e avanços.

A sistemática de avaliação do processo de ensino-aprendizagem tem, portanto, caráter eminentemente reflexivo. Assume, nesse caso, forma diagnóstica. Nesses termos, provas, seminários, trabalhos em grupo, projetos realizados, Estágio Curricular, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), entre outros constituem instrumentos avaliativos importantes para a melhoria do curso de Ciência Política. Estes instrumentos servirão para a composição de indicadores tendo em vista o melhor desenvolvimento do alunado.

A avaliação servirá para a reformulação das práticas pedagógicas adotadas pelos professores, estimulando o aluno a desenvolver de forma plena suas atividades no curso. Este modelo intenta a reflexão do processo de ensinar e aprender, direcionando alunos e professores a uma ação mais consciente.

A avaliação do processo de ensino-aprendizagem deve ser baseada nas competências, habilidades e conteúdos curriculares estabelecidos nesse Projeto Político-Pedagógico, segundo as Diretrizes Curriculares do curso de Ciência Política. É importante observar-se que, além dessas diretrizes, a avaliação deverá orientar-se pela Resolução nº 043/95 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal do Piauí (CEPEX/UFPI), que normatiza a avaliação do rendimento escolar por período letivo, em cada disciplina, considerando, também, a assiduidade do aluno às atividades didáticas do curso.

Além do que, nas disciplinas Estágio Curricular (de caráter obrigatório) e o Trabalho de Conclusão de Curso, a avaliação seguirá às normas estabelecidas pela Resolução nº 043/95 CEPEX/UFPI e pelos regulamentos definidos pelo Colegiado do Curso de Ciência Política.

9.2 Avaliação do Projeto Político Pedagógico

O currículo do curso de Ciência Política deverá ser acompanhada e avaliada, de forma permanente, por alunos e professores. Assim, este Projeto Político-Pedagógico poderá ser adequado visando atender as demandas da comunidade acadêmica.

Através da metodologia comparativa, analisar-se-á se as atividades estão a contento ou necessitando de ajustes e reformulações. Assim, a avaliação do Projeto Político-Pedagógico e, conseqüentemente, do currículo proposto servirá de parâmetro para possíveis ajustes ao longo do tempo, sendo assim, ferramenta útil para o planejamento das atividades acadêmicas.

Como exposto anteriormente, a avaliação do Projeto Político-Pedagógico ocorrerá durante todo o processo de execução do curso de Ciência Política, sendo a primeira avaliação durante sua implementação e a segunda após a conclusão das primeiras turmas. Posteriormente serão organizadas reuniões coletivas, na qual discutir-se-á a necessidade de alterações ou não do currículo do curso.

Assim, serão tomadas medidas para a avaliação do Projeto Político-Pedagógico, como: 1) reunião periódica entre professores e alunos; 2) avaliação dos

Planos de Curso nas reuniões do Colegiado; 3) aplicação, ao final de cada período letivo, de questionários de avaliação sobre o desempenho dos professores; e 4) periodicamente, reunir os professores que orientam pesquisas e outras atividades acadêmicas.

10. ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

O docente e o discente do curso de Ciência Política da UFPI deverão participar dos três tipos de atividades relacionadas à Universidade: ensino, pesquisa e extensão. No caso dos alunos, é importante que, ao longo do curso, participe de atividades como as listadas abaixo:

- 1) No eixo Ensino, além da formação fornecida por meio das disciplinas curriculares, que possibilitará a formação metodológica e teórica, o discente poderá participar das atividades relacionadas à monitoria, remunerada e não-remunerada, que poderá prover ferramentas fundamentais para a formação de uma das atividades do cientista político: a docência;
- 2) No eixo Pesquisa, os estudantes, juntamente com os professores do curso, poderão participar e compor pesquisas de caráter técnico ou científico, tais como: projetos específicos de professores e projetos institucionais, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Pesquisa (PIBIC-UFPI). Além disso, nos Núcleos de Pesquisa, vinculados ao Curso de Ciência Política da UFPI, o discente poderá aprimorar sua qualificação, através de grupos de pesquisa voltados para questões relevantes da política e sociedade;
- 3) No eixo Extensão, o aluno terá a possibilidade de participar de cursos e mini-cursos providos pelos professores da Universidade Federal do Piauí e de outras instituições de referência na área. Além disso, projetos de intervenção, vinculados aos Núcleos de Pesquisa e aos professores do curso de Ciência Política da UFPI, junto à sociedade, se consubstanciarão num espaço contínuo de exercício da atividade acadêmica, voltadas para o exercício efetivo da cidadania.

11. ÁREAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

O Bacharel em Ciência Política, formado pela Universidade Federal do Piauí, terá como área de atuação:

- 1) Docência superior, consultoria, planejamento e assessoria técnica em órgãos governamentais (no Executivo e Legislativo), fundações, centros de pesquisa etc.;
- 2) Prestar serviços especializados para institutos privados de pesquisa de opinião pública, de consultoria e planejamento;
- 3) Participar do processo de formação de Organizações do Terceiro Setor, desde o processo de criação até a construção de projetos de intervenção social e política;
- 4) Atuar como analista político e consultor de marketing em órgãos públicos e privados;
- 5) Exercer funções de docente-pesquisador em Universidades, Faculdades e Instituições de Ensino e Pesquisa.

12. CONDIÇÕES DE IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO

O curso de Ciência Política da UFPI tem sua origem no interior do Departamento de Ciências Sociais. Este atualmente conta com seis professores na área de Ciência Política que serão a base do corpo docente do curso. Destes, três professores têm atuação no Programa de Mestrado em Ciência Política. Diante disso, faz-se necessário a especificação das condições de implantação do mesmo.

12.1 Necessidades de recursos humanos e materiais para implantação do curso

Considerando a estrutura pré-existente para implantação do curso, sabe-se da necessidade dos seguintes recursos humanos para a implementação do curso de Ciência Política na Universidade Federal do Piauí.

- Professores

Já que os professores de Ciência Política da UFPI irão ministrar disciplinas para o curso e para outros Departamentos, estima-se a necessidade da contratação de professores, seguindo o quadro abaixo.

Ano	Nº de Professores
2011	04
2012	02
2013	01
TOTAL	07

- Outros profissionais

02 (dois) Técnicos administrativos

- Cargos e Funções

01 um Coordenador de Curso.

01 um Sub-Coordenador de Curso.

- Espaço Físico

Para a instalação do curso, em princípio, é necessário o seguinte espaço físico:

- Salas de aulas

Instalações	Área (m ²)	Qt ^a de carteiras	Qt ^a de quadros de acrílico
02 salas de aulas	90 m ² /sala	50 carteiras/sala	1 Quadro de acrílico/sala
Total	180 m²	100 carteiras	2 Quadros de acrílico

- Salas da Coordenação e Sub-coordenação do Curso

Instalações	Área (m ²)	Computadores	Cadeiras	Birô	Data-show
01 sala	32 m ² /sala	2 computadores	5 cadeiras	3 birôs	2 data-shows
Total	32 m²	2 computadores	5 cadeiras	3 birôs	2 data-shows

- Salas dos Professores

Instalações	Área (m ²)	Cadeiras	Mesa
03 salas	9 m ² /sala	3 cadeiras/sala	3 mesas/sala
Total	27 m²	9 cadeiras	9 mesas

- Sala do Centro Acadêmico do Curso

Instalações	Área Unitária (m ²)	Cadeiras	Mesa
01 sala	9 m ² /sala	3 cadeira/sala	1 mesa/sala
Total	9 m²	3 cadeiras	1 mesa

- Laboratórios e Sala de vídeo

O Centro de Ciências Humanas e Letras da UFPI possui uma sala de vídeo, um auditório e um laboratório de informática. Essas áreas comuns a outros cursos serão parte integrante do curso de Ciência Política.

13. APOIO AO DISCENTE

As políticas de apoio aos discentes da Universidade Federal do Piauí estão interligadas em um conjunto de ações assistenciais institucionalizadas na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC), órgão responsável por desenvolver ações afirmativas de acesso e inclusão social visando garantir a igualdade de oportunidades aos estudantes. Promove, portanto, as condições básicas à permanência dos estudantes na instituição. Desde 1992, com a criação da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC), a Coordenação de Assistência ao Estudante, criada através da Resolução 067/77, passou a ser Coordenadoria de Assistência Comunitária (CACOM), vinculada à PRAEC, aglutinando os Programas de Assistência ao Estudante. As ações desenvolvidas e o impacto no âmbito da assistência estudantil nos *campi* que integram a UFPI deram cabo à implementação de um modelo social inclusivo, nas áreas de atenção, alimentação, moradia, saúde, psicopedagogia e psicossocial.

Assim, por meio da PRAEC é oferecido aos alunos da UFPI em geral, e aos alunos de Ciência Política em particular:

- 1) Bolsa Residência Universitária** - Propicia moradia ao estudante da UFPI em situação de vulnerabilidade social, em geral, estudantes provenientes do interior do Piauí ou de outros Estados. Garante-se, assim, a permanência dos discentes na instituição, além de acompanhar o rendimento acadêmico e oferecer apoio social e psicológico. O programa provê ainda as condições necessárias para o funcionamento e manutenção das casas, concedendo também alimentação integral e inclusão digital aos moradores.
- 2) Bolsa de Apoio Acadêmico** - benefício financeiro concedido ao estudante em dificuldade socioeconômica.
- 3) Projeto Inclusão Social** - integra a política de inclusão social e apoio ao estudante com deficiência, facilitando a sua permanência na instituição e melhorando, consequentemente, seu aprendizado e integração como os demais discentes. Uma das atividades deste projeto é a concessão de bolsa especial destinada aos universitários que tenham disponibilidade para auxiliar e acompanhar, nas atividades acadêmicas, os colegas com deficiência (visual, auditiva e outras).
- 4) Bolsa de Apoio Estudantil-BAE** - O Programa Bolsa de Apoio Estudantil contribui com o estudante da UFPI em dificuldade socioeconômica, por meio da concessão de uma bolsa, tendo como contrapartida a prestação de serviço nos diversos setores desta Instituição,

possibilitando as condições para permanência no curso de graduação e, conseqüentemente, a melhoria do rendimento acadêmico. Duração: 24 meses, consecutivos ou intercalados.

5) Auxílio Creche – concedido aos alunos e às alunas, pais e mães, com filhos de até 2 anos e 11 meses de idade. Estes alunos, devem comprovar ter renda inferior a 3 (três) salários mínimos. Este auxílio foi regulamentado pela Resolução Nº 146/07-CEPEX/02, de 25/6/2007, em consonância com as diretrizes normativas do Programa Nacional de Assistência Estudantil, conforme decreto Nº 7.234, de 19 de julho de 2010, o qual tem como finalidade propiciar ao aluno de graduação presencial desta IES, em situação de vulnerabilidade social, a igualdade de oportunidades, contribuindo para a melhoria do desempenho acadêmico, e agindo, preventivamente, nas situações de retenção e evasão escolar, decorrentes da insuficiência de condições financeiras.

6) Isenção da Taxa de Alimentação-ITA. Este benefício é destinado a garantir o acesso do estudante em dificuldade socioeconômica ao Restaurante Universitário, com isenção total da taxa. Duração: o aluno pode ser beneficiado durante toda a sua graduação. A renovação ocorrerá mediante análise socioeconômica e do rendimento acadêmico semestral.

7) Biama – Bolsa de Incentivo às Atividades Multiculturais e Acadêmicas. Destina-se preferencialmente a alunos de graduação presencial, em situação de vulnerabilidade social e econômica. O Programa BIAMA tem por objetivo estimular a participação dos estudantes em projetos supervisionados por docentes ou técnicos da UFPI, possibilitando sua formação ampliada e melhoria da qualidade de vida, a partir de ações educativas que articulem ensino, pesquisa e extensão.

8) Bolsa-Permanência e Bolsa-Trabalho - O objetivo do Bolsa Permanência e da Bolsa-Trabalho é contribuir para a redução da evasão e permanência na UFPI do estudante em vulnerabilidade social. A situação socioeconômica é o critério determinante na seleção dos candidatos. Auxílio financeiro é concedido ao estudante da UFPI em dificuldade socioeconômica, tendo como contrapartida a prestação de serviços administrativos nos diversos setores desta instituição ou em projetos de extensão e de pesquisa

9) Bolsas especiais – PIBIC e PIBIC AF - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica -PIBIC e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas – PIBIC-AF, de acordo com a Resolução Normativa nº 017/2006 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

10) Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI) - O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – PIBITI e o **Programa de Iniciação Tecnológica Voluntária (ITV)** visam

estimular estudantes do ensino superior nas atividades, metodologias, conhecimentos e práticas próprias ao desenvolvimento tecnológico e processos de inovação.

11) Monitoria - é uma modalidade de ensino e aprendizagem coordenada pela Coordenadoria de Apoio e Assessoramento pedagógico (CAAP), da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PREG — Alínea “e” do Art. 14 da Resolução Nº 021/93—CONSUN de 4/1/1994), desenvolvida por alunos bolsistas ou não bolsistas que recebem orientação acadêmica dos professores, com o fim de contribuir com a formação discente e o consequente incentivo à docência, integrando as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

12) Restaurante Universitário – Tem a finalidade de fornecer refeições balanceadas, higiênicas e de baixo custo à comunidade universitária.

13) Serviço Odontológico - O atendimento odontológico é um benefício gratuito disponibilizado através da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PRAEC) para toda a comunidade da Universidade Federal do Piauí (estudantes, funcionários e dependentes), com atendimento clínico na área de diagnóstico (clínico e radiológico), prevenção, profilaxia, restauração e exodontia simples.

14) Acompanhamento Pedagógico - Acessível à comunidade universitária, com a finalidade de apoiar o estudante e o servidor, contribuindo para a superação de dificuldades sociais, psicológicas e pedagógicas.

15) Projeto de Inclusão Cultural - O Projeto é voltado para alunos em situação de vulnerabilidade social, em particular aos alunos interessados no conhecimento de uma segunda língua. A proposta é possibilitar que estes estudantes concorram a bolsas oferecidas pelos convênios com instituições internacionais em melhores condições com o domínio de outro idioma. O Projeto é mais um estímulo para que os estudantes ampliem os seus conhecimentos e tenham novas experiências culturais através de intercâmbios. O benefício vem atender ao Plano Nacional de Assistência Estudantil - PNAES, quando propõe a ampliação da formação integral dos estudantes, estimulando e desenvolvendo a criatividade e intercâmbios culturais.

16) Atendimento Psicológico. Por meio de ações psicopedagógicas, presta atendimento à comunidade universitária, colaborando para a compreensão e para a mudança comportamental de estudantes, no processo de ensino-aprendizagem, nas relações interpessoais e nos processos intrapessoais. Objetiva a avaliação e diagnóstico psicológico, visando a prevenção e o apoio ao tratamento de problemas emocionais; Atendimento psicopedagógico individual e grupal; Orientação e acompanhamento pedagógico aos estudantes com baixo rendimento acadêmico; Análise do rendimento acadêmico de

estudantes cadastrados nos programas da CACOM; Supervisão sistemática e acompanhamento psicossocial aos estudantes das Residências Universitárias.

17) Auxílio ao Estudante Estrangeiro – Atendimento Odontológico, psicossocial, psicopedagógico e Bolsa Alimentação.

18) Feira das Profissões – Feira anual que promove o intercâmbio entre os estudantes de graduação da UFPI e os alunos do Ensino Médio em todos os *Campi*.

19) Bolsas de Extensão - O Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX) é um instrumento que oferece bolsas para estudantes regularmente matriculados na graduação, a fim de desenvolver Ações de Extensão Universitária, conceitualmente entendida como um processo acadêmico, interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade orientada pelo princípio constitucional da indissociabilidade com o Ensino e a Pesquisa.

Além dessas políticas assistenciais da PRAEC, a Resolução 237/13 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPEX) instituiu o Programa de Apoio Institucional à Participação em Eventos Científicos no país — PROEC/UFPI no qual os alunos partícipes de programas de Iniciação Científica ou Tecnológica, PET, PIBID e PIBITI, recebem apoio financeiro com diárias, passagens, pagamento de taxas de inscrição de artigos ou propostas aceitas em eventos nacionais.

A Coordenação do Curso de Bacharelado em Ciência Política, em acordo com o Programa de Mestrado em Ciência Política da UFPI, realiza anualmente palestras com professores convidados e Encontros anuais nos quais professores e alunos apresentam e publicam trabalhos, como é o caso do Seminário de Ciência Política da UFPI e da Mostra de Trabalhos Científicos. A Mostra de Trabalhos Científicos permite o intercâmbio entre alunos de Ciência Política, alunos do mestrado em Ciência Política e alunos dos demais cursos que se proponham participar. Trata-se, portanto, de um evento para divulgação de trabalhos e dos alunos e professores.

Há ainda, a página da Web na qual a coordenação divulga informações como Editais de monitoria, PIBID, PIBITI, eventos nacionais e internacionais da área de Ciência Política, entre outros eventos pertinentes aos alunos do curso. Nesse aspecto, a plataforma do SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades) também é bastante útil para divulgação de eventos e de informações em geral.

14. BIBLIOGRAFIA

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, nº 9.394/1996. Brasília: Governo Federal, 1996.

BRASIL. **Parecer CNE/CES nº 492/2001**. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

BRASIL. **Parecer CNE/CES nº 1363/2001**. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

BRASIL. **Parecer CNE/CES nº 224/2004**. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 02/2007**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 17/2002**. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

PIAUÍ. **Resolução CEPEX/UFPI nº 043/1995**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2006.

PIAUÍ. **Resolução CEPEX/UFPI nº 150/2006**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2006.

APÊNDICES